

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS

DAISA TAYNÁ DA SILVA

TEORIA DA PÓS VERDADE E O MOVIMENTO BOLSONARISTA

UBERLÂNDIA/MG

2023

DAISA TAYNÁ DA SILVA

TEORIA DA PÓS VERDADE E O MOVIMENTO BOLSONARISTA

Monografia apresentada ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profa. A Dra. Lara Martim Rodrigues Selis

Discente: Daisa Tayná da Silva

Orientadora: Profa. A Dra. Lara Martim Rodrigues Selis

UBERLÂNDIA/MG

2023

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é todo dedicado aos meus pais e familiares, pois é graças ao esforço destes que hoje posso concluir o meu curso.

Dedico este trabalho a todo o curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, corpo docente e discente, a quem fico lisonjeado por ter feito parte.

Foi pensando nas pessoas que executei este projeto, por isso dedico este trabalho a todos aqueles a quem esta pesquisa possa ajudar de alguma forma.

Dedico também este trabalho a quem colaborou diretamente comigo: À professora Lara, pela sua paciência, conselhos e ensinamentos que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso.

E principalmente, dedico este projeto à minha mãe, minha força motriz e maior inspiração, sem ela ao meu lado nada disso seria possível.

DAISA TAYNÁ DA SILVA

**TEORIA DA PÓS VERDADE E O MOVIMENTO  
BOLSONARISTA**

Banca de Avaliação:

Profa. A Dra. Lara Martim Rodrigues Selis – UFU

Orientadora

Profa. A Dra. Débora Figueiredo Mendonça do Prado – UFU

Banca de Avaliação

Prof Dr. Edson Jose Neves Junior – UFU

Banca de Avaliação

**Uberlândia (MG), 29 de Novembro de 2023**

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é observar a edificação do movimento bolsonarista no Brasil, por meio do uso da disseminação de desinformação durante o decorrer do mandato do ex-presidente, Jair Messias Bolsonaro. Para isso, será observado o fenômeno do bolsonarismo sob a ótica da teoria da pós-verdade, teoria essa que analisa a veiculação de falsas informações e seu impacto na sociedade e nas democracias modernas. O foco da utilização da teoria nesse projeto é o estudo da presença dessas *fake news* e seu uso estratégico no meio político. Ressalta-se que o discurso do ex-presidente Bolsonaro e de sua base de apoio se pautou num maniqueísmo discursivo, ressaltando uma luta constante do bem contra o mal e a defesa aos valores morais conservadores. Outrossim, essa base aderiu como forma de propagação de sua cartilha à desinformação e o constante ataque às instituições democráticas. À vista disso, sob a ótica da teoria da pós-verdade, serão analisados casos que expõem a utilização de *fake news*, indicando os impactos do maniqueísmo discursivo, da base em crenças conservadoras e do discurso disruptivo na democracia brasileira. Considerando que as informações possuem poder de construções narrativas, é preciso observar como as notícias inverídicas exercem poder dentro de um movimento político, tendo a força de criar uma realidade paralela em que crenças se sobressaem aos fatos.

**Palavras-Chave:** Teoria da pós-verdade, Bolsonaro, bolsonarismo, fake news, desinformação.

## **ABSTRACT**

The aim of this work is to examine the construction of the Bolsonaro movement in Brazil, through the use of misinformation dissemination during the tenure of the former president, Jair Messias Bolsonaro. To achieve this, we will observe the Bolsonaro phenomenon through the lens of post-truth theory, which analyzes the circulation of false information and its impact on society and modern democracies. The focus of utilizing this theory in this project is the study of the presence of these fake news and their strategic use in the political sphere. It is emphasized that the discourse of former President Bolsonaro and his support base has been based on a dualistic discourse, highlighting a constant struggle between good and evil and the defense of conservative moral values. Furthermore, this base has embraced disinformation as a means of propagating its agenda and constantly attacking democratic institutions. In view of this, from the perspective of post-truth theory, cases exposing the use of fake news will be analyzed, indicating the impacts of dualistic discourse, the base's conservative beliefs, and disruptive discourse on Brazilian democracy. Considering that information holds the power of narrative constructions, it is necessary to observe how untrue news exercises influence within a political movement, having the strength to create a parallel reality in which beliefs take precedence over facts.

**Keywords:** Post-truth theory, Bolsonaro, Bolsonarism, fake news, disinformation.

## **LISTA DE IMAGENS OU TABELAS**

**Imagem 1 - Índice de aceitação do governo Bolsonaro**

**25**

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2. A ERA DA PÓS-VERDADE E O USO POLÍTICO DAS FAKE NEWS</b>	<b>13</b>
2.1. Características da pós-verdade	13
2.2. Estratégias de disseminação de fakes news e seu uso político	19
<b>3. ASCENSÃO E IDEOLOGIA: O FENÔMENO BOLSONARISTA</b>	<b>25</b>
3.1. As bases do bolsonarismo	27
3.2. Estratégias discursivas e ideológicas do bolsonarismo	33
3.3. Pós verdade e o movimento bolsonarista	38
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>46</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo Bispo, Scaramussa e Silva (2022), o movimento bolsonarista adotou como método de sustentação das pautas conservadoras, o maniqueísmo e a disseminação de notícias falsas, de forma que estas se tornaram, posteriormente, regimes de verdades para suas bases. Nessa lógica, tendo por interesse a observação de um fato histórico único dentro da história política brasileira, de manejo político de massa por meio das fake news, elencamos dois questionamentos norteadores para esta pesquisa, quais sejam: Como a circulação das fake news atuou na produção de adesão social ao bolsonarismo? E como esse movimento se sustentou e se radicalizou desaguando nos atuais atos de cunho golpista, acontecidos nos anos de 2022 e 2023?

A teoria da pós-verdade pode, em larga medida, auxiliar na respostas àquelas questões, visto que explicam a criação dessa realidade paralela baseada em notícias falsas e do medo generalizado decorrente das narrativas fabricadas. Essas teorias pautam-se, sobretudo, na análise das estratégias de dissociação cognitiva e emocionais que balizam a forma com que as pessoas se conectam com as notícias e não sua veracidade (Genesini, 2018, p.47). Cabe considerar, ainda, que por diversas vezes crenças pessoais, fundamentadas em aspectos morais e costumeiros se aderem à uma desinformação (Mello; Martínez-Ávila, 2021, p. 109).

O modelo de disseminação de notícias inverídicas foi fortemente utilizado pelo candidato norte-americano, Donald Trump. O candidato do partido republicano, visando sair na frente de sua concorrente, Hillary Clinton, abusou de notícias falsas e de distorções de fatos, que convenceu boa parte de seu eleitorado e garantiu sua vitória. De forma que o modelo foi importado para as eleições brasileiras do ano de 2018, e também utilizado pelo apreciador de Trump, Jair Bolsonaro. O método eleitoreiro foi utilizado de forma massiva e é considerado um dos motivos da vitória de Bolsonaro no segundo turno. Contudo, esse método falacioso continuou sendo utilizado com algumas finalidade, no caso brasileiro, houve a intenção de criar um inimigo comum, uma base discursiva de sustentação do governo, isto é, foi criada a necessidade de uma luta perene contra a esquerda brasileira em prol da manutenção dos valores e costumes defendidos pela direita brasileira (Genesini, 2018, p.48).

Na história política, esquerda e direita representam alas antagônicas, que defendem valores e costumes opostos, o destaque é que nas últimas eleições no Brasil, essa

antagonização aprofundou a níveis radicais, em boa medida, seguindo também uma onda de ascensão de governos de extrema direita no mundo (Singer, 2021). É possível dizer que a maior polarização entre a direita e a esquerda brasileira que tem seu maior ápice em 1964, ano do golpe ditatorial militar, e que ressurge na política contemporânea a partir do ano de 2013, com a ocorrência de movimentos como o “Vem pra rua” e posteriormente o *impeachment* de Dilma Rousseff. Bolsonaro reativa o discurso conservador da direita aludido nos anos de ditadura, só que no contexto político atual, direcionado contra o Partido dos Trabalhadores, os maiores representantes da esquerda brasileira (Boito Jr., 2021; Petrarca, 2021).

O então presidente da República ressaltava em seus discursos e *posts* a ideia de se lutar contra a chamada velha política corrupta, da necessidade de deter um perigo iminente na sociedade, uma ameaça às famílias, aos valores morais e ao cidadão de bem. Esse perigo estava em grupos internos ao país, grupos como: indígenas, negros, membros da comunidade LGBTQIA+, dentre vários outros. Em boa medida, o discurso utilizado criava um ambiente de constante temor. Como destacado por Santos (2022): a direita religiosa reafirmou o seu posicionamento de que a esquerda, mais especificamente o Partido dos Trabalhadores (PT), tinha um projeto de perseguição aos cristãos e a seus valores morais (p.3).

Esse discurso maniqueísta foi adotado pela base de apoio mais religiosa de Bolsonaro e foi largamente disseminado pelas redes sociais. A defesa desse discurso acabou criando um antagonismo social entre grupos favoráveis ao presidente e grupos contrários a ele, sendo este último grupo alvo de diversos ataques não apenas pela base política de Bolsonaro, mas também pelo próprio presidente e membros do alto escalão de seu governo, apenas reforçado o ambiente de hostilidade que foi criado na sociedade brasileira (Boito Jr., 2021).

Conforme se aproxima as eleições de 2022 essa polarização se aprofundou a níveis brutais. Se tornou uma realidade atroz, com a ocorrência de mortes e agressões por motivos de divergências políticas<sup>1</sup>. Bem como o aumento da veiculação das fake news, e o escalonamento do tom tanto do representante nacional quanto de sua base política, alegando principalmente, que todos os seus atos, mesmo que criminosos, iam ao encontro da defesa

---

<sup>1</sup> De acordo com o artigo de Struck (2022), para o Jornal DW, os casos de violência eleitoral que aconteceram em 2022, e que foram registrados por meio de um levantamento realizado por organizações de Justiça Global e Terra de Direitos, houve a ocorrência de 247 episódios de violência política no ano de 2022. Este número representa um aumento de 400% em relação à quantidade de casos registrados em 2018, que já eram considerados altos e que marcará as eleições do ano de 2018 como uma das mais violentas até então vistas no Brasil.

da família e da moral. Foram constantes as notícias veiculadas que questionavam a legitimidade das urnas, da mesma maneira, foram endossados por representantes e apoiadores um golpe de Estado, caso as eleições dessem vitória ao adversário de Jair Bolsonaro (Agência Lupa, 2022).

Assim, uma tentativa de golpe foi perpetrada em oito (8) de janeiro deste ano. Isto, após dois meses em que a massa de apoio a Bolsonaro realizava manifestações constantes pelo país, que ocasionaram em bloqueios de vias públicas, acampamentos em diversas áreas de grandes cidades e em frente aos quartéis, onde era solicitado o fim da democracia que conhecemos em prol da implementação de um governo militar. Tudo isto, em razão da não eleição de Jair Bolsonaro (Nascimento, 2023). Isto posto, este trabalho visa responder à demanda por estudos dedicados aos fundamentos desse movimento, sobre como ele se radicalizou e sobre o papel que a circulação de notícias falsas tiveram nesse movimento tão importante para a história da política contemporânea nacional.

De forma geral, este trabalho visa analisar as características do movimento de mobilização de massas que sustentou o fenômeno bolsonarista no Brasil. Para isso, far-se-á o uso da teoria da pós-verdade, com ênfase na perspectiva analítica do uso de falsas notícias para o controle das massas. Propõe-se, aqui, uma revisão bibliográfica, atentando-se não apenas acerca da radicalização do movimento bolsonarista durante os quatro anos de governo, mas também a instrumentalização das redes sociais voltada à veiculação de falsas notícias.

De tal forma, é relevante observar quem são os atores que compõem esse movimento, seus interesses e crenças, bem como, observar as bases discursivas que endossaram a radicalização desse movimento no Brasil. Do mesmo modo, contemplar os impactos sociais gerados por esse movimento reacionários, impulsionados por uma enorme socialização das redes sociais, e como a desinformação incentivou atos golpistas.

A hipótese adotada no trabalho perpassa pela ampla disseminação de informações falsas e a aceitação da pós-verdade, e como essas são impulsionadas pelo uso extensivo de mídias sociais, resultando em uma sociedade onde as crenças pessoais e emocionais frequentemente superam os fatos objetivos na formação de opiniões e tomadas de decisão. Esta hipótese parte da premissa de que as mídias sociais desempenham um papel significativo na propagação da pós-verdade, uma vez que permitem que informações imprecisas ou tendenciosas se espalhem rapidamente (Genesini, 2018, p.49). Além disso, a polarização política, resultado de um ambiente político instável cada vez mais evidente em muitos países, pode levar as pessoas a se apegarem a crenças ideológicas e a rejeitarem

informações que não se encaixam em suas visões de mundo (Kalil, 2018).

Para fundamentar essa hipótese, um estudo de pesquisa pode envolver a coleta de dados que demonstrem como informações falsas se espalham em plataformas de mídia social, como o Twitter, WhatsApp e o Facebook, e como isso está relacionado à polarização política. Em última análise, o presente trabalho de pesquisa buscará fornecer *insights* sobre como a pós-verdade está afetando a sociedade democrática e como as pessoas podem ser incentivadas a tomar decisões mais informadas, com base em fatos objetivos, apesar das tendências da pós-verdade e da polarização política (Genesini, 2018; Kalil, 2018).

A metodologia utilizada no trabalho proposta será a de pesquisa explicativa. Segundo Garces (2010), a pesquisa explicativa tem por objetivo central a compreensão e explicação de um fenômeno, por meio de análise que utilizam correlações para explicar relações entre dimensões e/ou características de indivíduos, grupos, situações ou eventos. Para além disso, foi realizada uma revisão de várias notícias de cunho político veiculadas em grandes jornais, uma vez que, sob a ótica da pós-verdade, as notícias passam de ser fatos a serem compreendidos e se tornam fatos aos quais as pessoas se conectam emocionalmente. O processo de coleta de dados se deu principalmente por meio de pesquisa em textos acadêmicos, notícias veiculadas a grandes mídias que atravessavam o tema. A análise dos dados para essa pesquisa também se pautou na seleção de textos e notícias.

Isto posto, o presente trabalho será dividido em três (2) capítulos, sendo o primeiro intitulado: A era da Pós-verdade e o uso político das Fake-News. Neste primeiro capítulo é abordado o sentido da pós-verdade, bem como ela se articula aos algoritmos e à propagação de fake-news em um contexto digital, além de demonstrar como esse movimento pode impactar negativamente as democracias. O segundo capítulo, é intitulado como: Ascensão e Ideologia: O Fenômeno Bolsonarista. Este aborda a ascensão do bolsonarismo na sociedade brasileira, suas bases discursivas e históricas, bem como os fatos que explicitam como não apenas o político, mas esse grupo adotou como método de sustentação e expansão, a estratégia de disseminação de falsas notícias. Este capítulo ainda finda o assunto, abordando como o fenômeno da pós-verdade tem a capacidade de explicar o fenômeno do bolsonarismo no Brasil e seus desdobramentos mais radicais vistos nos últimos anos, e que em larga medida, passaram a afetar a democracia vigente.

## 2. A ERA DA PÓS-VERDADE E O USO POLÍTICO DAS FAKE NEWS

### 2.1. Características da pós-verdade

A caracterização das últimas décadas como uma era de pós-verdade faz parte de uma análise baseada em tendências e fenômenos que têm sido debatidos na área acadêmica e na sociedade em geral. Mesmo que a pós-verdade não seja uma teoria unificada, mas sim um conceito que descreve uma mudança cultural, vários estudos emergem na busca de explicar por que essa caracterização tem ganhado aceitação (Genesini, 2018). Em que pese, podemos citar como aspectos dessa caracterização uma maior socialização das redes sociais e disseminação de informações. Estudos como “The Spread of True and False News Online” de Vosoughi, Roy, e Aral (2018) destacam como notícias falsas tendem a se espalhar mais rapidamente do que informações verdadeiras.

Outro fator relevante que contribui para essa caracterização são as chamadas bolhas das redes sociais, isto é, se tem uma segmentação de pessoas em bolhas de filtro, onde pessoas são expostas a informações e opiniões que confirmam suas crenças. Isso tem levado à polarização e à aceitação acrítica de informações que se alinham com essas crenças. O autor, Cass Sunstein, traz essa contribuição em sua obra “Republic.com 2.0,” em que disserta acerca de como a internet pode contribuir para a formação de bolhas de filtro (Sunstein, 2007). E nós conseguimos observar esse fenômeno quando comparamos os recentes eventos em nosso país com a emergência de grupos de apoio político via Facebook, Whatsapp e Twitter no ano de 2018.

As bolhas de filtro [filter bubbles], descritas por Bakir e Mcstay (2017) como “câmaras de eco [echo chambers] criadas por algoritmos” propiciam uma renovação constante da fé no grupo, ofertando o que o usuário deseja ouvir – com base nos rastros deixados por “suas ligações, histórico de navegação, compras e postagens e pesquisas” (p. 8) (Bispo; Scaramussa; Silva 2022, p.119).

Outrossim, destaca-se a limitação do papel democrático frente à frenética disseminação de informações (Trein; Souza; Nascimento; 2012, p.3). Não se pode esboçar também, principalmente considerando o âmbito político brasileiro, o declínio da confiança nas instituições tradicionais, como a mídia, o governo e a ciência, levou as pessoas a questionar informações de fontes tradicionais e a se voltar para fontes alternativas, muitas vezes menos confiáveis (Bispo; Scaramussa; Silva, 2022). Um ambiente politicamente

carregado fornece “terra fértil para a criação e disseminação de boatos e notícias falsas” (Farooq, 2018, p. 108, tradução nossa). Bem como destacam Bispo, Scaramussa e Silva (2022):

Em pouco tempo, entretanto, o cenário otimista se esvai e vemos surgir uma capitalização desse espaço virtual por forças abertamente manipuladoras: a mobilização de afetos irracionais, manifestações de ódio através de notícias falsas e boatos difamatórios etc (p.115).

E ainda, vale ressaltar a retórica política e desinformação, em que políticos e líderes usam retórica e comunicações que apelam para as emoções e crenças pessoais, muitas vezes à custa de fatos e evidências. O livro “The Death of Truth” de Michiko Kakutani explora como a desinformação e a retórica política têm moldado a atual era da pós-verdade e como os políticos fazem o uso da desinformação em prol de suas agendas políticas. A autora analisa como as teorias de conspiração se tornaram estratégias políticas comuns, minando a confiança na mídia e nas instituições; ainda ressalta o uso político das fake news, a polarização política e seus impactos nas instituições democráticas norte-americanas (Kakutani, 2018). Isto posto, se faz necessário apresentar os conceitos de fenômeno da pós-verdade trazidos por alguns autores e observar se sua aplicação se verifica no caso brasileiro.

De acordo com Cortella (2020)<sup>2</sup>, a pós-verdade é uma ressurreição daquilo que o pensamento pré-renascentista carregava em seu âmago, isto é, a não necessidade de comprovação científica, uma vez que os indivíduos se consideraram dotados de conhecimento divino e guiados por crenças que permitem enxergar o que era por certo, o verdadeiro. Na atualidade, o termo “pós-verdade” tem sido amplamente discutido na academia para justificar as crenças pessoais de cada indivíduo, mesmo que essas crenças e convicções não tenham uma correspondência com a realidade. O filósofo Lee McIntyre, em sua obra “Post-Truth” (2018), investiga a ascensão da pós-verdade na sociedade contemporânea e suas implicações, discutindo como a desinformação e a manipulação da verdade se tornaram uma parte proeminente do discurso público (Hardoš, 2019, p.311).

É possível encontrar a definição de pós-verdade e uma exploração ainda mais aprofundada do conceito na obra de Lee McIntyre. Para este autor, a “pós-verdade” não é uma teoria no sentido tradicional, mas sim um conceito que descreve um fenômeno cultural e político contemporâneo. Nessas circunstâncias, a pós-verdade passa por uma perspectiva

---

<sup>2</sup> Informação retirada do vídeo de Mário Sérgio Cortella publicado em seu canal no Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SrewDDw\\_M\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=SrewDDw_M_Q)

que se concentra na prevalência de emoções, crenças pessoais e narrativas sobre os fatos objetivos na formação de opiniões e tomadas de decisão. Portanto, não é uma teoria no sentido acadêmico de um conjunto de princípios explicativos ou leis, mas sim uma observação sobre como a sociedade lida com a informação e a verdade. De forma que a ideia de pós-verdade, dentro de contextos sociais mais frágeis, enfatiza que a opinião pública e a política são cada vez mais moldadas por emoções, crenças e narrativas que podem ser imprecisas, tendenciosas ou até mesmo falsas, em detrimento dos fatos objetivos e da análise baseada em evidências (Hardoš, 2019, p.312).

Embora a pós-verdade não seja uma teoria formal, ela fornece uma lente conceitual útil para examinar como a desinformação, a polarização política e a manipulação da informação afetam a sociedade contemporânea. É válido ressaltar que, não se deve demonizar o conceito, uma vez que este não é sinônimo de inverdade, e sim daquilo que é considerado verdade, mesmo que não exista uma correspondência empírica na realidade (Cortella, 2020; Mans, 2018).

O debate acerca da era da pós-verdade ganhou destaque após o dicionário Oxford, no ano de 2016, eleger a palavra pós-verdade (post-truth) como palavra do ano, isso, principalmente em razão das explosões de fake news – palavra também eleita em 2017 – ocorrida nos Estados Unidos durante a corrida presidencial entre Hillary Clinton e Donald Trump no ano de 2016; e também, em relação ao processo de saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) (Mans, 2018, p.8). A descrição trazida pelo verbete da Oxford (2017) indica que o termo é: um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos a emoções ou crenças pessoais (Genesini, 2018, p. 47 *apud* Alves; Maciel, 2020, p.147). O que pode-se destacar do conceito trazido pelo dicionário Oxford para análise dos fatos empíricos é que, antes, para se observar uma notícia ou fato, se considerava um método científico de análise.

Um exemplo disso, no caso brasileiro, pode ser visto dentro do grupo de apoio político a Jair Bolsonaro, onde grupos chamados bolsonaristas, que residem dentro da bolha de apoio à figura presidencial, no período das eleições de 2022, tinham a certeza que seu candidato à presidência seria reeleito. Isto é, se tinha uma firme convicção que o candidato apoiado seria reeleito. Esse fato se dá, principalmente pelo motivo que dentro daquela bolha de influência específica, os indivíduos têm apenas um panorama à vista, que em larga medida, significa uma verdade absoluta. Nesse caso, uma vez que se tem a constatação que existe um apoio massivo ao candidato, logo, se tem a convicção de que ele será reeleito.

Quando os fatos se mostram contrários, isto é, quando o candidato perde no segundo turno para seu antagonista, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, esses fatos são rejeitados, pois vão contra a verdade antes estabelecida. Daí começam os primeiros movimentos de desacreditar os resultados obtidos via urnas eleitorais, uma vez que eles não coincidem com a verdade antes pré-estabelecida pelo grupo, a verdade que seu candidato seria reeleito.

Passa a se ter a busca por novos fatos que validem essa verdade pré-estabelecida, no caso observado, se daria pela busca de fatos que indiquem que as eleições foram fraudadas de alguma maneira, e invalidam os resultados observados. Isto se caracteriza como a pós-verdade, uma verdade que é pré-estabelecida e se os fatos não se colam com essa verdade, estes são rechaçados, e se buscam novos fatos para embasar essa verdade desejada.

Isto posto, se defende, principalmente com o avanço da descredibilização dos meios de comunicação oficiais, que vivemos em um momento em que a informação é constantemente questionada, passando a ser adotada uma análise pós-verídica (Wünsch; Ferreira, 2022). Isso significa que, primeiro se tem definido uma verdade e depois, se busca apenas fundamentos que consigam embasar essa verdade. Essa é uma realidade preocupante e se mostra extremamente perigosa, como bem vimos no caso norte-americano, com seu ápice na invasão do Capitólio, e no caso brasileiro, com a invasão ao Congresso Nacional em oito (8) de janeiro deste ano.

Nesse linha, acionar ao debate o cientista político Ignas Kalpokas se faz necessário, uma vez que em sua obra “A Political Theory of Post-Truth”, o autor aborda o conceito de pós-verdade e os desdobramentos desse conceito, bem como as problemáticas da criação de uma realidade “escapista” por meio de desejos afetivos de validação da verdade (Kalpokas, 2019). O próprio autor ressalta que, sua obra busca demonstrar que a pós-verdade é universal e independe da convicção política (p.3) e se constitui como um “atributo geral de nossos tempos” (p.42) (Kalpokas, 2019 *apud* Almeida, 2021).

Em vista disso, Kalpokas (2019, p.9) na missão de definir um conceito político de pós-verdade parte da premissa de que existe uma “verdade aflitiva”, isto é, enunciados conscientemente desenhados para operar em grupos particulares que, independentemente do valor de verdade de tais informações, funcionam e são capazes de se ajustar às expectativas das “audiências”. Almeida (2021) adiciona ao debate um viés mais cotidiano da política, bem como, coloca luz aos aspectos mais corriqueiros e emocionais dos indivíduos, que exemplificam alguns casos vistos na contemporaneidade brasileira.

Seguindo as contribuições acerca do conceito de pós-verdade trazidos por McIntyre (2018) e Kalpokas (2019) é possível sim associar o movimento bolsonarista a teoria da pós-verdade e para isso se faz necessário não apenas adentrar ainda mais no tema da pós-verdade e das fake news, mas também contrastar o conceito com o caso brasileiro.

Inicialmente, é preciso ter em mente que os boatos, mentiras, desinformação ou teorias conspiratórias na arena política não são uma coisa exclusiva do movimento bolsonarista no Brasil ou do *trumpismo* nos Estados Unidos. Um exemplo claro disso foram as falsas estações de rádio alemãs criadas na Segunda Guerra Mundial e posteriormente usadas em transmissões no Reino Unido. Nessa um inglês que se passava por um alemão difundia comentários contra o líder nazista, Adolf Hitler, com o intuito de minar o apoio ao então representante alemão (Itagiba, 2019). Como versado por Alves e Maciel (2020), o fenômeno da desinformação apresenta uma forte dimensão política, e tem por capacidade moldar os que os indivíduos tomam por realidade (p.148).

Nessa conjuntura, seguindo as interpretações de Arendt (1967), em seu texto “Verdade e Política”, é citado que qualquer político afirma, de forma abusiva e perversa, sua liberdade de produzir o mundo que deseja. Particularmente, em regimes totalitários, existe esse esforço político de reescrever fatos, além de apresentar uma tendência a assumir proporções dramáticas. Por meio disso, se estrutura uma mentira organizada e generalizada, que mesmo sendo incapaz de substituir a verdade, possui a capacidade de produzir uma nova. Isto é, existe a possibilidade de destruir a verdade factual, em algumas vezes, de forma irrecuperável em prol de uma mentira que favoreça determinado grupo (Alves; Maciel, 2020).

Como no caso brasileiro, o uso do discurso antipetista foi o pilar basilar para a engendrar uma narrativa, que corroborou com o discurso defendido pela extrema direita emergente. Fato é que estas expressões políticas da pós-verdade apresentam uma realidade contemporânea brasileira, onde não apenas políticos, mas a política em si se vê em graves riscos, uma vez que é colocada em dúvida por falsas notícias facilmente veiculadas, o que, por consequência, representa também uma ameaça aos princípios democráticos da sociedade (Aromeeva et al. 2017). Nesse sentido, pode se citar vários questionamentos, como destacado pelos pesquisadores Aromeeva, Liebroer e Lilleker (2017) em que na ocasião da realização de um *workshop* acerca da Política em uma era de pós-verdade (Politics in a post-truth era), na Universidade de Bournemouth em 2017, citam algumas questões relevantes ao tema:

Como podemos entender a pós-verdade, ela é realmente nova e como é a política da pós-verdade? O que a pós-verdade nos diz sobre o estado atual e futuro do engajamento democrático e da própria democracia e quais são as consequências das decisões tomadas com base em desinformação ou desinformação? (Aromeeva et al. 2017, tradução nossa).

Para responder esses questionamentos, o foco inicial dos pesquisadores parte de um estudo dos fundamentos psicológicos e teóricos do fenômeno da pós-verdade, observando o seu surgimento, desenvolvimento e impacto na sociedade. Os pesquisadores britânicos Lilleker, Richards e Scullion (2017), por exemplo, sugerem a observação das crenças e como essas moldam a percepção que um indivíduo tem da sociedade. Nesse sentido, os pesquisadores observam como as campanhas, principalmente aquelas baseadas em dados podem ser concebidas para manipular a compreensão de uma população, indicando como as coisas são, e apontando como deveriam ser. Um exemplo que podemos ver no caso brasileiro quando Bolsonaro aponta de forma inflada os dados de corrupção em sua primeira campanha, afirmando que com ele o governo seria diferente. Ou também, em sua tentativa de criticar o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), deslegitimando a metodologia de medição de desemprego utilizada pelo Instituto afirmando que em seu governo o desemprego havia diminuído, quando os dados apresentavam o contrário (Trisotto, 2021). Nesta, Bolsonaro declarou a um repórter da CNN:

Estamos criando empregos formais, e bastante, mês a mês, mas tem aumentado o desemprego por causa dessa metodologia do IBGE, que atendia ao governo da época. Esse tipo de metodologia, no meu entender é o tipo errado. Vou sofrer críticas do IBGE, mas eles podem mudar a metodologia (...) Bolsonaro citou números errados para corroborar seu argumento (Trisotto, 2021).

Logo, esses cidadãos iriam buscar respaldar essas informações ao invés de confrontá-las e contra argumentá-las. De forma que os autores também colocam essa situação sob a luz dos recentes casos na política, onde argumentam que:

As manifestações políticas populistas são marcadas pela vulgaridade e pelas verdades pessoais que resultam da mudança cultural na nossa concepção de 'eu' que está ao mesmo tempo a corroer os pilares centrais do nosso processo civilizatório e a alterar a natureza do nosso envolvimento com a política democrática que levou à desestabilização das noções contemporâneas de democracia (Aromeeva et al. 2017, tradução nossa).

A partir dessa ótica, se ressalta como os processos de comunicação política passaram a desafiar as noções de verdade tradicional em prol da formação de um discurso, ou seja, existe todo um manejo de notícias para que elas se adequem a determinada ideologia governamental. Logo, se observa uma construção de meias verdades, ou verdades

limitadas para garantir uma primazia de narrativas em prol da política. De forma, que estas questões têm implicações profundas, não só para a democracia, mas para a sociedade como um todo. Com a ausência de uma verdade, a população fica suscetível às mais diversas plataformas e notícias enganosas, que as incentivam a confiar em argumentos com dados seletivos e sem nenhuma comprovação. A partir disso, é seguido um padrão de comportamento que se pauta na confiança cega em suas emoções frente a exposição a uma notícia, independente dos fatos (Aromeeva et al. 2017 *apud* Klinkner; Theimann, 2017).

Outrossim, é importante pontuar que o fenômeno da pós-verdade não se pauta apenas na fabricação de falsas informações, mas também envolve um viés de confirmação constante. Ou seja, a pós verdade é um sintoma, e não a causa de todo um sistema de desinformação, uma vez que mesmo, a pós-verdade não sendo um acontecimento novo, muito menos o uso de mentiras no meio políticos, esses tomam novas perspectivas em razão da velocidade em que são veiculadas. A nossa sociedade é movida por informação, e somos bombardeados por várias informações durante o dia, o que nos torna menos suscetíveis a critérios de distinção do que é verdade ou não (Aromeeva et al. 2017).

Tendo isso em mente, observa-se que as fake news e a teoria da pós-verdade são fenômenos interligados, que ao fim, servem a um mesmo propósito, o de formular narrativas em prol de interesses ideológicos específicos. Dentro de uma cena política rodeada com desinformação, a pós-verdade contribui para criar uma atmosfera de medos e esperanças irracionais, de decepções que deixam os indivíduos raivosos, e ainda mais suscetíveis a manipulação por mais campanhas de desinformação (Aromeeva et al. 2017).

## **2.2. Estratégias de disseminação de fakes news e seu uso político**

As premissas que permeiam os conceitos de fake news e pós-verdade se dão pela passagem de um período de rápida produção e veiculação de informação e desinformação. De forma sintética, é defendido que passamos por uma era em que se há uma perda dos critérios das fontes de informação. Estas, que por sua vez, possuem uma capacidade de espalhar de forma rápida via redes sociais, manipular as emoções e realizar uma influência destrutiva e determinante numa sociedade, sendo ainda, capaz talvez de definir os rumos das democracias contemporâneas (Mans, 2018, p.9). Como ressaltado por Alves e Maciel (2020), o avanço das novas tecnologias modificaram a forma como a sociedade se informa e se comunica. De forma dispar das mídias tradicionais que agem de forma mais centralizada, na era da desinformação, não há essa centralidade e sim uma massa de

notícias vindas de todo lugar e a todo momento, sem um critério de filtragem nem processamento, isto é, uma “sobrecarga de informação” (*information overload*) (Mans, 2018, p.9-10).

Ressalta-se também a precariedade não apenas de filtragem mas de responsabilização a aquelas pessoas/plataformas que vinculam inverdades. De fato, o crescimento das mídias sociais não inventaram o fenômeno da desinformação, contudo, criam um ambiente propício à disseminação de desinformação em massa e de uma forma rápida (Alves; Maciel, 2020, p.149-150).

Essas falsas informações, que são informações deliberadamente falsas ou enganosas, são usadas como uma ferramenta para manipular a opinião pública, difamar adversários políticos e alcançar objetivos específicos. De forma, que, como estratégia em uso políticos, essas têm a capacidade de minar a crença nas instituições democráticas. É notável ressaltar que, o uso de fake news na política é prejudicial para a integridade do processo democrático uma vez que essas têm a capacidade de influenciar a formação de opiniões. Isso pode minar a capacidade das instituições de responsabilizar os políticos e garantir a transparência (Alves; Maciel, 2020).

A disseminação de fake news muitas vezes tem como objetivo dividir a sociedade e criar polarização. Isso pode ser feito através da promoção de teorias da conspiração ou agravando disputas ideológicas. O caso das fake news relacionadas ao “Brexit” no Reino Unido é um exemplo disso, onde informações enganosas foram disseminadas para influenciar o resultado do referendo (Genesini, 2018, p.47). As fake news muitas vezes são projetadas para reforçar as crenças existentes de um determinado grupo de eleitores, explorando preconceitos e pontos de vista preexistentes. Isso pode aprofundar ainda mais a polarização e tornar os eleitores mais suscetíveis à desinformação (Wünsch; Ferreira, 2021, p.481). E quando abordamos o uso de algoritmos e seu papel na disseminação de fake news, conseguimos enxergar com clareza o seu funcionamento para a criação de bolhas sociais criadas e movidas por desinformações.

Segundo Genesini (2018, p.56) o Facebook como plataforma social, representou o caso mais crítico de disseminação de fake news. Os algoritmos agem para maximizar a audiência e vender publicidade, isto é, esses algoritmos que são otimizados para que vejamos nas páginas aquilo de que já gostamos e com que concordamos. Ademais, plataformas como o Whatsapp impulsionam o compartilhamento de diversas mensagens, de acordo com Farooq (2018, p. 107, tradução nossa), a mobilidade e a facilidade de criar e compartilhar conteúdo e a comunicação em grupo nas redes sociais é um veículo potente

para atingir as massas. Quando o assunto é fake news, se observa a criação de um ambiente de desconfiança e questionamento.

Outro aspecto a se destacar é como a disseminação de notícias tem a capacidade de mobilizar afetos e como essa mobilização representa outra estratégia fugaz de adesão. A exploração de emoções pode tornar as fake news mais importantes e convincentes para o público. As fake news muitas vezes exploram o medo das pessoas, criando narrativas alarmantes sobre ameaças imaginárias. Isso pode levar as pessoas a tomar decisões baseadas no medo, como apoiar políticas ou candidatos que prometem protegê-las. Um exemplo recente ocorreu durante a pandemia de COVID-19, várias fake news propagaram teorias da conspiração sobre a origem do vírus, alimentando o medo e a desconfiança (Agência Senado, 2021).

Os adeptos não apenas deixam para segundo plano a função de verificação da realidade como hostilizam qualquer tentativa nesse sentido. Os sentimentos se mostram, tal como descritos por Freud (1921/1996), “muito exagerados” de maneira que se, antes, algumas divergências de opinião eram dialetizadas ou toleradas, durante a campanha e mesmo depois, durante a pandemia, transformam-se em “ódio furioso” (p. 85). Insinuações ou acusações falsas contra adversários políticos geram verdades que se transformam “numa certeza incontrovertível” (p. 85) (Bispo; Scaramuusa; Silva 2022, p.119).

Como forma de adesão, as falsas notícias frequentemente fazem uso de manchetes sensacionalistas e declarações provocativas para provocar raiva e indignação. Essas emoções podem levar as pessoas a compartilhar a desinformação e a se engajar mais ativamente nas redes sociais. Estudos sugerem que conteúdo emocionalmente carregado tem maior probabilidade de ser compartilhado online (Pennycook; Rand, 2019). Outrossim, essas fake news muitas vezes são projetadas para atender aos preconceitos e crenças preexistentes das pessoas. Ao confirmar o que as pessoas já acreditam, as fake news podem evocar emoções positivas, como satisfação e validação, fortalecendo assim o viés de confirmação (Nyhan; Reifler, 2010).

Como a informação é geralmente enviada ou postada por alguém que você conhece, alguém de sua lista de contatos, é mais fácil acreditar nela. A relação [de proximidade] com o remetente da mídia também reduz as críticas que uma pessoa atrai por compartilhar notícias falsas em público (Farooq, 2018, p. 110, tradução nossa).

Nessa conjuntura se faz relevante mencionar alguns dos fatos distorcidos ou falsas notícias veiculadas pela base de apoio a Bolsonaro enquanto candidato à Presidência da República no ano de 2018, que demonstram a ocorrência do fenômeno da pós-verdade. Os

boatos circulavam massivamente por todas as redes sociais, contudo, inicialmente, com um maior ênfase no Facebook e Whatsapp, por *post* publicados, compartilhados, via mensagem direta ou por correntes. Notícias como a distribuição de um “kit gay” para crianças nas escolas tomaram conta das redes sociais nas vésperas do primeiro turno das eleições.

Essa notícia passou a ser veiculada nas redes sociais, atribuindo responsabilidade a Fernando Haddad enquanto Ministro da Educação do governo de Temer e presidenciável daquelas eleições pela criação de um chamado “kit gay” para crianças e adolescentes. Nessa linha, surge uma das bases do governo Bolsonaro, a defesa das crianças da chamada “ideologia de gênero”<sup>3</sup> disseminada nas escolas. O projeto foi utilizado por Bolsonaro e por sua base de apoio como uma forma de inflamar seu opositor, apontando que a finalidade do projeto era sexualizar as crianças, bem como disseminar a denominada ideologia de gênero (Barragán, 2018).

Segundo Barragán (2018), esse posicionamento foi defendido por Bolsonaro em uma entrevista em horário nobre, no Jornal Nacional, da rede Globo; na ocasião portava em mãos um livro intitulado “Aparelho sexual e Cia” apresentado uma criança observando de forma assustada algo dentro de suas calças (Coletta, 2018). Houve contestações por parte dos âncoras acerca da veracidade da acusação feita pelo candidato, além da ordem advinda do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) exigindo que os vídeos que abordassem esse tema fossem apagados, sob alegação de que “geram desinformação e prejudicam o debate político” (Barragán, 2018; Coletta, 2018). Contudo a ideia já estava posta, e mesmo que desmentida, já havia sido disseminada em diversos grupos de apoio ao candidato e conseguiu se perpetuar no imaginário público.

Notícias como essas passaram a mobilizar um público mais conservador e religioso, que passaram a cooptar com o discurso antipetista. Este perfil de apoio em particular, foi de extrema importância para o bolsonarismo, pois agrega formadores de opinião com uma enorme plataforma de fiéis, como padres e pastores (Kalil, 2018, p.21). De acordo com Kalil (2018) embora os Bolsonaro componham uma gama de pessoas e grupos, é possível apontar determinados valores difusos capturados pela figura do “cidadão de bem” (p.8).

---

<sup>3</sup> A chamada ideologia de gênero trata-se de um termo criado com base no fundamentalismo religioso, utilizado no contexto político brasileiro contra o conteúdo de educação sexual presente no currículo escolar. Como destaca Freitas (2022): “[...]“ideologia de gênero” não é um conceito, mas sim uma bandeira da ultra direita e do fundamentalismo religioso que reúne todas as ações contrárias aos direitos das mulheres, a liberdade sexual, ao acesso a informações sobre saúde reprodutiva, aos direitos dos homossexuais, bissexuais, pessoas trans e das pessoas em geral em viver sua sexualidade livremente”.

O “cidadão de bem” passou a designar aquele que, além de ter uma conduta individual “correta” e saber se comportar nas manifestações, se distingue dos “bandidos” (corruptos) ou de quem apoia bandidos. Assim, o “cidadão de bem” refere-se a um conjunto de condutas dos indivíduos na vida privada, a um conjunto de formas específicas de reivindicação política na vida pública e a um conjunto particular de temas e agendas que passaram a ser consideradas como legítimos. É dessa forma que o “cidadão de bem” extrapola as formas de condutas individuais e passa a designar aqueles que não são “comunistas”, “petistas” ou “de esquerda” - vistos como apoiadores da corrupção e “não trabalhadores”. Trata-se de uma noção específica de pessoa e um sentimento de pertencimento à uma forma correta de estar no mundo (Kalil, 2018, p.9).

Outra falsa notícia veiculada pela base de apoiadores do candidato, e que também estava no campo dos valores morais foi a de que o então, candidato à presidência, Fernando Haddad defendia o incesto e o comunismo em uma de suas obras. Essa afirmação foi realizada inicialmente por Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo enquanto ideologia. Mesmo que o post em que Olavo de Carvalho defendia que Haddad em seu livro “Em Defesa do Socialismo” realizava uma defesa velada ao incesto e ao comunismo caiu por razões de ser uma falsa notícia, esse já tinha viralizado nas redes sociais, e ganhava peso dentro da bolha bolsonarista (Barragán, 2018).

Esses são alguns, de vários exemplos de fake news que foram veiculadas nas eleições do ano de 2018, notícias que incitaram o medo e que foram cruciais para a emergência da imagem de um líder salvador. Jair Messias Bolsonaro conseguiu, por meio das fake news, instrumentalizar um dos maiores movimentos reacionários de apoio político visto na contemporaneidade política brasileira. Esse movimento de apoio ao político fez reacender a até então adormecida extrema direita brasileira, que já vinha ganhando força desde o ano de 2013 e que pavimentou caminho para a insurgência de políticos reacionários, como Bolsonaro (Singer, 2021, p.725).

Não obstante a essas falsas notícias vinculadas no ano de 2018, também em 2022, ano eleitoral com maior polarização política já vista, uma vez que Jair Bolsonaro disputava as eleições com seu algoz, Lula, notícias falsas e desinformações foram veiculadas de forma indiscriminada. Todos os casos supracitados expressam o impacto nocivo que o uso de dados e das redes sociais podem ter para a democracia (Wünsch e Ferreira, 2022, p.485).

Neste estudo, em particular, o debate sobre o conceito do fenômeno é extremamente relevante, uma vez que este se tornou um dos epicentros da crise democrática brasileira nos últimos anos, impactando não apenas as eleições do ano de 2018, mas também a condução da pandemia do Covid-19 no Brasil. E mais recentemente, as campanhas eleitorais do ano de 2022 e a pós-derrota de Bolsonaro, com a ocorrência de manifestações contrárias ao

Tribunal Superior Eleitoral (TSE) acusado de fraudar as eleições em favor de Luiz Inácio Lula da Silva, bem como aos órgãos de justiça como o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) e ao Supremo Tribunal Federal (STF). Seguido também do apelo às forças armadas para a tomada do poder e o ato mais radical sendo a invasão ao Congresso Nacional Brasileiro. A partir disso, é necessário observar não apenas como ocorre esse segmento de líderes a partir da veiculação de notícias falsas, como essas foram utilizadas para a mobilização de uma massa civil e os impactos que essa massa pode causar, e que no caso brasileiro, causou danos à democracia vigente.

### 3. ASCENSÃO E IDEOLOGIA: O FENÔMENO BOLSONARISTA

Não se pode estranhar muitas capas de jornais e grupos avessos à extrema direita brasileira associarem as verdades do movimento bolsonarista a um delírio coletivo. Pudera, este foi um grupo que após as eleições permaneceu por meses a fio na porta de quartéis clamando por uma intervenção militar, e até mesmo, por uma intervenção extraterrestre<sup>4</sup>. Isto posto, é necessário observar como a instrumentalização das falsas notícias foi utilizada para agrupar um grupo de cidadãos já antes insatisfeito e de caráter reacionário que vieram a compor um grupo de apoio ao presidente, Jair Bolsonaro, que no ano de 2018 viria a ser eleito, com o grande apoio de seus seguidores, que passaram a ser denominados, bolsonaristas.

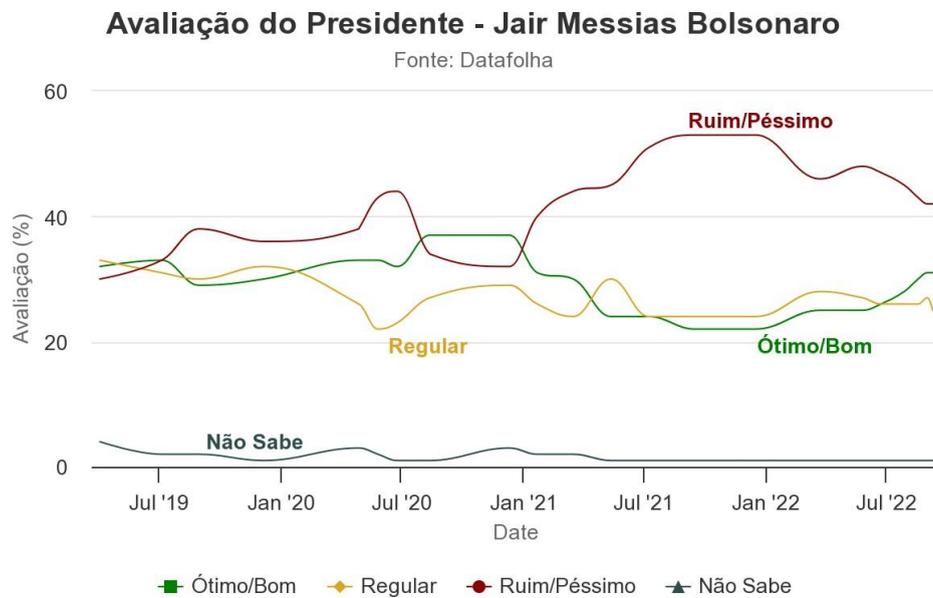
A base de apoio robusta adquirida por pela figura de Bolsonaro contribuiu largamente para a chegada do até então, deputado carioca e presidente, Jair Messias Bolsonaro ao poder no ano de 2018, bem como sua permanência nos quatro anos de governo com uma margem mediana de aceitação<sup>5</sup> e a chegada ao segundo turno das eleições de 2022. De acordo com as pesquisas do Datafolha, publicadas no ano de 2021, os níveis de rejeição de Jair Bolsonaro durante seus dois primeiros anos de mandato chegaram a 53% de rejeição, ao final de seu mandato esse índice já estava em 64%. Destaca-se uma queda principalmente após o ano de 2021, com a má gestão da pandemia do Covid-19.

#### **Imagem 1 - Índice de aceitação do governo Bolsonaro**

---

<sup>4</sup> A notícia publicada pelo Jornal Estado de Minas no dia 21/11/2022, detalha o acontecimento com vídeos de apoiadores de Bolsonaro, com os celulares para cima, indicando a localização da terra, recorrendo a forças extraterrestres para uma possível intervenção. Verificar em: <https://acesse.dev/IFwi9>

<sup>5</sup> Como destacado pela pesquisa conjunta realizada pelo Datafolha (2022) no início da gestão Bolsonaro, os índices indicavam uma certa estabilidade na aprovação de seu governo, que começou a cair no decorrer do ano de 2020, onde se observa um aumento no índice “Ruim/Péssimo”, principalmente devido a má gestão da pandemia do Covid-19. O índice se assentou ainda mais no ano de 2021 quando o Brasil apresentou um aumento expressivo de mortes em decorrência do vírus, uma vez que o marcador só passou a cair em janeiro de 2022, com o avanço da vacinação.



Fonte: Datafolha, 2022.

É visível que ao final de seu mandato seu nível de aceitação tinha tido uma expressiva queda, podendo considerar a gestão na pandemia do Covid-19, bem como a volta de Lula a cena política, como maior competidor de Bolsonaro nas eleições de 2022. Entretanto, existe uma base bruta quase inalterada de apoio a Bolsonaro, base esta que surgiu no ano de 2018 e que se manteve quase que intacta durante os anos de mandato, contudo, o que mais se destaca é como essa base se movimentou nesses quatro anos, em manifestações de rua e nas redes sociais, crescendo, propagando desinformação e se tornando cada vez mais radicais (Kalil, 2019).

Existe uma forte associação do movimento fanático bolsonarista a uma espécie de delírio coletivo interno, que os permitiu criar uma realidade paralela repleta de fatos infundados. Essa associação muito foi aludida nos meses posteriores à derrota de Bolsonaro nas urnas, em que muitos apoiadores ficaram por semanas e ou meses acampados em frente a quartéis por todo o país pedindo intervenção militar, apelando até para seres extraterrestres, entretanto, a realidade é bem mais complexa que isso.

De maneira que é preciso levantar alguns questionamentos para melhor entender de fato esse fenômeno. Primeiramente questionando como esses passaram a existir na história política brasileira, o que os motivaram a apoiar o candidato e se manterem firmes dentro do núcleo de apoio a Bolsonaro nos anos de mandato. É necessário entender o que os motivam, como foram cooptados, se foi por medos ou ódio, e quais são seus objetivos.

### 3.1. As bases do bolsonarismo

O cenário anterior à vitória de Bolsonaro era de forte polarização política. O Partido dos Trabalhadores findou seu ciclo de ganhos que permitiu quatro vitórias consecutivas na corrida pela presidência da República (Luiz Inácio em 2003, Luiz Inácio em 2007, Dilma Rousseff em 2011 e Dilma Rousseff em 2015), marcando um movimento histórico de mudança. Isto é, houve uma ruptura que permitiu a ascensão de um deputado que ganhou visibilidade nas mídias não apenas por ser um “*meme*”, mas por defender de forma aberta a tortura e a volta da ditadura militar, exprimindo consigo um projeto de governo atrelado a ala mais conservadora brasileira (Petrarca, 2021, p. 342).

(...) ele surfou na onda do lavajatismo antipetista, ressuscitou o fantasma do comunismo como quem assusta crianças com o homem do saco, virou cristão freestyle, alimentou suas bolhas nas redes sociais com o sangue fresco das minorias, dos esquerdistas, dos artistas, dos indígenas, dos quilombolas, dos seus inimigos imaginários, usou e abusou de um enxame de robôs e fake News para gadificar seguidores... Enfim... se elegeu “presidente” (Souza, 2022).

Jair Messias Bolsonaro foi formalmente eleito o 8º Presidente da República Brasileira em outubro de 2018, isto, dentro do arcabouço de nossa incipiente democracia que à época tinha 33 anos. O até então deputado carioca era apresentado como um político *outsider*, como bem explica Fernanda Petrarca (2021):

Além disso, Bolsonaro se apresenta como um político *outsider*, autodefinido “fora do sistema”, com pouco direito de voz no parlamento e com frequência ridicularizado nos programas midiáticos por suas ideias excêntricas. Por diversas vezes se apresentou como o Johnny Bravo, um personagem de desenho infantil retratado como grosseiro, narcisista e pouco inteligente: “Eu, Johnny Bravo, Jair Bolsonaro, ganhou porra”! O sentimento de ter sido desconsiderado pelo establishment político, durante o período em que atuou como deputado federal, foi o combustível para seu discurso antissistema, com intenso ataque às instituições democráticas centrais, como o parlamento, o jornalismo e o próprio Supremo Tribunal Federal (p. 342-343).

Enquanto ainda um candidato, Bolsonaro agiu de modo a agregar a chamada direita estabelecida com uma nova direita, repleta de *outsiders*<sup>6</sup> políticos, ou seja, atores

---

<sup>6</sup> Para Becker (1963) Os “outsiders” são aqueles que são rotulados como desviantes ou marginais pela sociedade devido a seus comportamentos, características ou identidades que não se encaixam nas normas sociais predominantes (p.15-16). Os “outsiders” muitas vezes são estigmatizados e excluídos de certos círculos sociais, o que pode levar à criação de subculturas ou comunidades de “desviantes” que compartilham uma identidade de outsider (p.17). Na cena política brasileira, os “outsiders políticos” são indivíduos que, em geral, não têm uma carreira política tradicional. Estes entram na política sem terem ocupado cargos políticos ou exercido funções públicas anteriormente e geralmente se destacam em áreas diferentes, como negócios, entretenimento, esportes ou outras profissões, e usam sua popularidade, recursos financeiros ou habilidades específicas para competir em eleições ou assumir cargos públicos (Becker, 1963).

antissistema. Por meio disso, tem-se a criação de um espaço para a emergência de uma extrema direita no Brasil, sendo este um fenômeno único, considerando os anos pós redemocratização do país nos anos de 1980. Seguindo o seu lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, levantando pautas de costumes, tais como projetos contra o aborto, discussões de gênero e educação sexual nas escolas. O candidato aglutinou interesses das alas mais conservadoras, posteriormente, abriu espaço para que esse discurso ficasse mais extremista, aludindo o armamentismo e enaltecendo a ala militar da sociedade. De maneira que, cativou ao mesmo tempo grupos religiosos conservadores e os militaristas saudosistas da era militar (Petarca, 2021, p. 342).

Desta forma, a autora Fernanda Petarca (2021, p. 343) elenca as principais indagações referente a ascensão política de Bolsonaro e sua capacidade de preencher um vácuo de representação, em larga medida deflagrado por alguns acontecimentos políticos, em que pese destacar a Operação Lava Jato e o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Para Silva e Lima (2021) dentre algumas das forças decisivas que contribuíram para a construção histórica do fenômeno do bolsonarismo estão:

[...] a crise do capital e crescente intensificação do neoliberalismo econômico, o antipetismo, o protagonismo que as forças militares vieram a constituir como resultante de uma desconfiança com a política e o florescimento do neopentecostalismo em resposta ao progressismo moral (p. 352).

Contudo, se pode colocar que apenas esses fatores não explicam ainda a forte base aliada angariada por Bolsonaro, isto é, os principais grupos que se aproximaram do projeto político bolsonarista e como cada um desses foi manejado dentro do governo Bolsonaro. Mesmo que a aliança com grupos fora do sistema político tenha sido um fator crucial para a ascensão do bolsonarismo, boa parte da literatura histórica se pauta nos ciclos de protestos ocorridos desde 2013 e que culminaram no *impeachment* de Dilma Rousseff. Isto no sentido que toda aquela sublevação garantia condições essenciais para a escalada de um projeto político representado por Bolsonaro (Petarca, 2021, p. 343). O ponto defendido pela autora, e que é importante para o presente estudo é a observação do cenário social e político brasileiro que possibilitou a emergência de grupos *outsiders*, embasados em um discurso que agrupou diferentes grupos conservadores dentro da sociedade, alterando as formas de percepção do mundo contemporâneo.

No intuito de apresentar como se deu a emergência e os principais pilares do movimento bolsonarista, neste tópico é necessário trazer ao debate, as contribuições do

cientista político Armando Boito Júnior<sup>7</sup>, em sua obra “O caminho brasileiro para o fascismo” busca observar a natureza do governo de Bolsonaro e sua base de apoio. Tem-se como pressuposto que a crise política brasileira que ocorreu nos anos de 2015-2018 ensejaram não apenas a ascensão de um movimento fascista que se tornou o epicentro do bolsonarismo mais radical, mas também possibilitou a ascensão de políticos ultraliberais e ultraconservadores, em que pese destacar, o próprio presidente da República.

Boito Jr. (2021) parte sua análise do fenômeno bolsonarista desde a crise perpetrada pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), no ano de 2014 com a alegação de fraude nas eleições e a busca por depor a então presidente reeleita em outubro do mesmo ano, Dilma Rousseff. Boito (2021), alega que ali, estava posto o primeiro passo que leva até o cenário do ano de 2018, com uma ascensão neofascista. O autor não hesita em classificar o bolsonarismo como uma variante dos movimentos fascistas já ocorridos na história mundial e um dos movimentos que compõem a onda da extrema direita mundial. Boito (2021) utiliza a definição de fascismo de Togliatti (2010), que entende o fascismo como “um regime político reacionário de massa”. Outro autor mencionado é Nicos Poulantzas (1968) o define como “um dos regimes políticos que a forma de Estado capitalista de exceção pode assumir” (Boito Jr., 2021, p.2). Nessa linha, o autor ainda apresenta a contribuição de Poulantzas, maior expoente dentro de seu trabalho:

O segundo elemento consiste no caráter de massa das organizações do fascismo. Muitas vezes o termo fascismo é usado de modo impreciso, como sinônimo de reação, terror etc. Isso não é correto. O fascismo não significa apenas a luta contra a democracia burguesa; nós não podemos usar essa expressão quando estamos na presença apenas dessa luta. Devemos usá-la apenas quando a luta contra a classe operária se desenvolve sobre nova base de massa de caráter pequeno-burguês, como vemos na Alemanha, na Itália, na França, na Inglaterra e em toda parte que existe um fascismo típico (Togliatti, 2010, p. 8, tradução nossa). O primeiro problema que se coloca no estudo do fascismo é o de sua especificidade em relação às formas de regime tais como a ditadura militar e o bonapartismo e em relação a outras formas de Estado capitalista. Dito de outro modo, podemos definir uma forma de Estado capitalista de exceção que, ela própria, recobre diversas formas específicas de regimes de exceção, tais como o fascismo, as ditaduras militares e o bonapartismo? ( Poulantzas, 1970, p. 12 *apud* Boito Jr. 2021, p. 2 tradução).

A partir dessa conceituação, Boito Jr. (2021) passa a examinar o movimento bolsonarista no Brasil, destacando que ambos os conceitos dos autores supracitados

---

<sup>7</sup> Armando Boito Jr é um cientista social e político, professor titular de Ciência Política na Unicamp. Boito é pesquisador de teoria política e marxismo. Suas obras abordam as relações de classe e o capitalismo neoliberal no Brasil e na América Latina.

convergem em um aspecto, no entendimento de que o fascismo é uma ditadura cujo regime político é um regime reacionário de massa. Isto significa que um regime fascista possuiria uma base de massa minimamente organizada, com a finalidade principal de combater um movimento operário.

Na linha de comparação, o movimento bolsonarista se assemelha ao movimento fascista original, entretanto, não se pode fundamentar as análises apenas em conceitos. Como Boito bem pontua, dificilmente, pode-se analisar todo um movimento complexo partindo apenas de conceitos que parecem, a um primeiro momento, abstratos. Umberto Eco (2017), citado pelo autor, analisa um movimento tido como fascista a partir de alguns indicadores, tais como: culto da tradição, recusa da modernidade, irracionalismo, ação pela ação, medo da diferença, apelo aos setores médios, nacionalismo, elitismo e outras (Boito Jr, 2021, p.2).

Para Boito Jr. (2021), frente a uma análise deste governo, mais do que meros aspectos convergentes, é possível identificar dentro desse governo características de um movimento que se liga à extrema direita global e faz uso de estratégias e discursos, em prol de pautas conservadoras. Se faz necessário ressaltar, que na análise do autor não se considera o governo vigente do ano de 2019 ao ano de 2022 como uma ditadura fascista, mas sim um movimento ideológico que em seu âmago, atenta contra o modelo democrático de sociedade e que, em boa medida, a depender da conjuntura social e política pode garantir a ascensão de uma ditadura fascista no estado brasileiro (p.4).

Um dos pontos de destaque a se retirar da análise de Boito Jr. (2021) acerca da fascistização do estado brasileiro está no fato do movimento ter como caráter principal seu lado reacionário de massas. Massa essa, em larga medida, dominante da sociedade, ou seja, um grupo que em sua maioria, é pertencente à nata burguesa.

A mencionada massa do “regime político reacionário de massa” não é um aglomerado amorfo com composição social aleatória, mas sim, uma massa predominantemente pequena burguesa no fascismo original e predominantemente de classe média, conforme veremos, no neofascismo brasileiro (Boito Jr., 2021, p.4).

Essa classe além de ser detentora dos meios de produção, também possui um grande aporte político, e expressa sua vontade perante ao estado classista e burguês. A partir disso, passamos para a análise do movimento bolsonarista no Brasil, formado em sua maioria pela classe média e alta. Sendo as classes mais baixas, em larga medida alienadas, principalmente por pautas econômicas e religiosas. Contudo, o apoio maciço ainda se faz

mais forte nas classes mais elevadas da sociedade.

De forma semelhante a Petrarca (2021), Boito coloca que a égide do movimento fascista brasileiro está no movimento político que desencadeou o *impeachment* de Dilma Rousseff. Com a ascensão dos grupos chamados *outsiders* que passaram a compor a ala fascista aludida por Boito Jr. (2021). A massa bruta de apoio se constitui no segmento mais rico da sociedade que marca a ascensão do movimento bolsonarista no ano de 2017 (Prandi, 2019) e permanece durante os anos de mandato e após derrota em 2022.

Isto em boa medida, se expressa nas movimentações pós-eleição que, praticamente, não mobilizou a massa trabalhadora da sociedade, e sim, a base rentista (Boito Jr., 2021; Petrarca, 2021). A insatisfação desse grupo em particular, que em tese, é uma minoria, que se fez parecer maioria durante toda a gestão de Bolsonaro, gerou uma efervescência por meses, desaguando, por fim, na invasão do congresso.

No que tange a caracterização desse movimento, Boito Jr. (2021) destaca que: “Trata-se de um movimento de massa da classe média e/ou da pequena burguesia que deve ser qualificado de reacionário, porque o seu objetivo político principal é a eliminação do pensamento e dos movimentos de esquerda” (p.6-7). Não obstante, aqui vale destacar o intuito da eliminação de movimentos/pensamentos contrários, o que em boa medida, marcou o forte maniqueísmo<sup>8</sup> do movimento bolsonarista, que enxergava na esquerda brasileira, mas precisamente, no Partido dos Trabalhadores, seu principal inimigo.

Boito (2021) ressalta que, no fascismo original, esse maniqueísmo se expressava por meio da luta contra os comunistas, mas não apenas isso, houve uma espécie de mimetização entre comunistas, socialista e grupos subversivos. No chamado neofascismo, o inimigo seria qualquer movimento democrático e popular que indique uma reforma, podendo estar atrelado a um partido ou não (p.7). No caso brasileiro se enquadraram vários grupos tidos como “subversivos”, em que pese destacar, grupos feministas, membros da comunidade LGBTQIA+, negros, indígenas, ambientalistas, aqueles que lutam pelos direitos humanos, estudantes de institutos e Universidades Federais, dentre vários outros; isto pois, as pautas defendidas por esses grupos ameaçam as bases da sociedade tradicional e conservadora.

---

<sup>8</sup> O maniqueísmo é uma antiga filosofia religiosa, que tem um forte fundamentação cristã, esse pensamento se pauta na crença de que todos os aspectos ontológicos são construídos por dois pólos antagônicos, o bem e o mal. O maniqueísmo parte desse princípio que o mundo material, terreno seria o mal e o mundo espiritual seria o bem, e estes estão em um conflito eterno. O ponto de destaque do nosso debate é que a ala cristã aderiu a essa ideia, de uma forma diferente, considerando que tudo que Deus criou representa o bem, o mal seria a ausência de Deus (Lima, 2001). O que é interessante ao debate proposto é como esse maniqueísmo foi transferido ao debate político, quando observamos um discurso de que determinado partido x, do bem, vencerá o partido y, do mal. Um lado se faz de detentor de toda a honestidade, bondade o outro é colocado como o detentor de toda a improbidade e imoralidade. Por meio desse discurso se reforça a imagem de um lado, isto é, a direita salvadora, e a esquerda maligna.

A partir disso se tem uma forte polarização da sociedade seguida de uma agitação que toma as redes sociais, as igrejas, principalmente as pentecostais e neopentecostais, que são instituições associadas as classes mais baixas, além, claro, de manifestações nas ruas (Boito Jr., 2021, p.7). Nesse cenário, se faz necessário aludir a outro forte aspecto do movimento bolsonarista que é o apelo ao nacionalismo brasileiro, como uma das principais armas de combate à esquerda. A base desse nacionalista consiste em homogeneizar a sociedade brasileira, e coloca-lá como um bem maior que deve ser protegido a todo e qualquer custo. O discurso central era que essa sociedade estaria ameaçada pela lutas e valores da esquerda, tais como: luta pela terra, luta pelos direitos humanos, pelo direito dos trabalhadores, pelo direito das mulheres, dos ambientalistas, população negra, indígena, LGBTQIA+, dentre outras (Boito Jr., 2021, p.7).

A hipótese é que os demais elementos, como a crítica conservadora da economia e do Estado capitalista, o sentimento de ameaça vinda de baixo, sentimento de dissolução da sociedade devido à propagação de valores dissolventes, o apego a valores tradicionais, o ativismo político, o culto da violência, o irracionalismo e outras características dos movimentos fascista e neofascista, estão articulados com sua natureza de classe pequeno-burguesa e/ou de classe média numa situação de crise provocada pela percepção do agravamento do conflito de classes (Boito Jr., 2021, p.7).

De forma que a supracitada luta democrática, estaria de fora na sociedade homogênea construída. Num esforço de “estrangeirizar” parte da população, ou seja, torná-los estranhos, verdadeiras ameaças a essa sociedade homogênea, o uso do discurso nacionalista se tornou um dos mais poderosos instrumentos. Em suma, esse movimento se pôs de uma forma tão grande e presente, que por vezes, esse movimento foi tão grande, que a maioria se fez parecer minoria, frente ao movimento bolsonarista (Santos, 2021, p.15).

De forma geral, o caráter social da base de apoio, se pauta numa ala não conformada com a política tradicional, mais abastada, mais conservadora e ao mesmo tempo, reacionária. Uma ala que sentiu que seus privilégios haviam lhe sido tomado, e que de alguma forma, precisam reaver isso. Tendo isto posto, podemos assim, assentar alguns dos pilares que sustentam o movimento bolsonarista, e a partir disso, observar os principais atos do governo em prol de favorecer sua base aliada durante os quatro anos no poder. Primeiramente, pode-se citar as raízes conservadoras do país, ou seja, não é que a extrema direita surge com Bolsonaro, mas sim, enxerga nele, um local de fala novamente. Em segundo, destacar como o processo de radicalização vem junto a derrocada econômica de um governo de centro esquerda, todo o processo de deposição de Dilma com diversas

acusações de corrupção se tornaram o principal combustível da extrema direita emergente na cena política. Em terceiro lugar, destaca-se o uso das redes sociais como palcos políticos.

### 3.2. Estratégias discursivas e ideológicas do bolsonarismo

É válido destacar que como nunca antes visto, Bolsonaro e sua base aliada utilizaram de forma massiva das redes sociais para sua campanha política, sendo para a disseminação de pautas políticas, atacar pautas contrárias e também, de falsas informações que visam descredibilizar o lado adversário, informações essas que se tornaram corrosivas a democracia vigente. Dito isso, o proscênio da política brasileira estava pronto, e os personagens que passaram a ter cena eram os membros da extrema direita e os políticos de centro esquerda que ainda ocupavam o poder. A partir disso, vemos emergir a figura de um dos mais emblemáticos políticos que viria a se tornar presidente da República, e para descrever isso é necessário retomar a cena política em que Bolsonaro emergiu como um político *outsider* da política tradicional.

O crescimento e a popularidade do movimento bolsonarista, em boa medida se deve a emergência dos movimentos de 2013/2014, que criou uma massa contrária à gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) e as pautas da esquerda, conseguindo aglutinar diferentes interesses de uma ala mais conservadora.

Ao observar a atuação política tanto do campo mais conservador quanto do campo mais progressista, um dado importante é o de que a extrema direita, no Brasil, tem feito das manifestações de rua uma espécie de “laboratório de experimentação”, um campo de testes para colocar à prova uma nova forma de comunicação e, conseqüentemente, de se fazer política. Assim, trata-se de um fenômeno que ocorre na internet, mas que é parte de uma articulação entre as ruas e as redes sociais (Kalil, 2018, p.6).

A partir disso, se criou grupos quase que apolíticos, ou *outsiders*, críticos à política e aos partidos tradicionais. E nessa cena, se destacou o deputado carioca Jair Messias Bolsonaro e seu discurso no voto favorável ao *impeachment* de Dilma Rousseff<sup>9</sup>. Na ocasião, ocorreram manifestações contrárias, que repudiavam a clara apologia a ditadura e a tortura,

---

<sup>9</sup>O discurso supracitado foi realizado na votação de impeachment da até então presidente, no ano de 2016, Dilma Rousseff. Na ocasião, Jair Bolsonaro enquanto Deputado do Rio de Janeiro (RJ) vota favoravelmente ao impeachment de Dilma, aludindo Ustra, general da Ditadura Militar Brasileira, foi o chefe do DOI-Codi, responsável pelo desaparecimento de inúmeras pessoas durante a Ditadura Militar: “Pela memória do coronel. Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim”. Ver na íntegra.

mas o deputado não teve seu mandato caçado, ao contrário, este ganhou ainda mais holofotes na cena política (Barba; Wentzel, 2016).

Dentro dessa perspectiva analisada não se pode esquecer de algumas bases de sustentação da popularidade do movimento, sendo uma dessas, a construção de um forte maniqueísmo. Como mencionado, uma das bases discursivas do movimento bolsonarista foi a construção de um dualismo exposto numa luta, em vezes físicas, entre grupos favoráveis a Jair Bolsonaro e grupos contrários. A partir disso, inúmeras narrativas foram criadas, e aquelas, já veiculadas desde o ano de 2013, apenas foram apenas endossadas pelo representante nacional, e por grande parte dos membros da direita presentes no Senado, Câmara, Governos Estaduais e prefeituras pelo país.

Cabe citar o emblemático *impeachment* de Dilma Rousseff, acusada em razão das pedaladas fiscais. Desde o início do movimento contra a Dilma, que à época representava não apenas a nação brasileira, mas era a figura mais exposta do Partido dos Trabalhadores, sendo assim, quem mais sofreu ataques. Isso deu vazão para uma enxurrada de notícias que vinculam não apenas Dilma, mas também o Partido dos Trabalhadores em casos de corrupção. Toda a insatisfação com a desaceleração econômica, mas também com a perda de espaço para as classes menores fez com que a classe média e alta compuseram dois movimentos importantes: O Movimento Vem pra Rua e o Movimento o Gigante acordou, todos no ano de 2014 (Petrarca, 2021).

É importante ressaltar a importância que o movimento “Vem pra rua” tem para a história política brasileira, uma vez que por meio dele, houve a ascensão dos políticos *outsiders*, conservadores e da extrema direita no Brasil, bem como, a redução da direita tradicional. O movimento em sua maioria foi liderado pela ala burguesa da sociedade, mas também de uma parte mais conservadora, que enxergava na esquerda, e no PT, uma espécie de depravação que não cabia na sociedade brasileira (Petrarca, 2021). A partir disso, figuras mais religiosas passaram a ganhar mais holofote no meio político, nomes como Damares Alves e Marcos Feliciano e dentro da cena evangélica passaram a compor a *staff* de Bolsonaro, Damares como Ministra dos Direitos Humanos e Feliciano Deputado e membro do Partido Liberal (PL), partido de Bolsonaro (Evangelista e Reis, 2021).

Esses posteriormente vieram a compor a chamada Bancada da Bíblia, que junto a Bancada da Bala e do Boi<sup>10</sup>, passaram a compor o apoio bruto no Senado e Câmara

---

<sup>10</sup> Conforme os feitos dos governos de centro-esquerda se corroía, as pautas da direita ganhavam cada vez mais espaço, vimos, a partir das eleições do ano de 2018, a concepção das chamadas Bancadas do Boi, da Bala e da Bíblia. Membros esses que defendiam políticas contra a demarcação de terra, abrandamento de leis ambientais, em prol da expansão de fazendas de soja, milho café e fazendas de gado. Os membros da bancada da bala, agiam

brasileira a Bolsonaro. De forma ampla, foi se formando uma coligação extremamente conservadora, que não apenas dentro do meio político, como também fazendo uso das redes sociais para disseminar fake news, e por vezes incitavam por meio de discursos de ódio<sup>11</sup> e o uso da violência. Nesse sentido, os novos políticos associados à direita e à extrema direita, que passaram a compor a cena, visavam a construção da imagem de uma nova política limpa, estando no centro dela um salvador. Aqui vale destacar a pauta das ideologias e crenças que foram um dos pilares do movimento, mais precisamente as políticas conservadoras propostas pela gestão Bolsonaro e abraçadas por sua base de apoio mais fervorosa (Evangelista e Reis, 2021).

Ainda, se faz necessário observarmos as pautas de costumes, tópico que sempre esteve destacado no discurso de Bolsonaro, mesmo antes do mesmo ser candidato à Presidência. Como exemplo, podemos citar novamente o discurso no voto a favor do impeachment de Dilma Rousseff. Neste, Bolsonaro destaca que seu voto é pela família e pelas crianças:

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos dessa Casa. Parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (Bolsonaro, 2016).

Todo o cunho deste discurso aglutinou todos os interesses da burguesia insatisfeita, e de grupos subversivos, ambos apoiadores do *impeachment*, de forma que, estes também viriam a se tornar a base fiel de apoio a Bolsonaro. E mesmo não tendo um plano de política econômica previamente traçado, uma vez que se importava quase que exclusivamente com discursos de ódio e de apologia ao armamentismo. Bolsonaro conseguiu cooptar para si neoliberais, isso graças a seu Ministro da Economia, Paulo

---

em favor de uma política de segurança mais ferrenha, favorável ao porte e à posse de armas. Enquanto a bancada da bíblia, apoiada pela então pastora e Ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves, agia em defesa de pautas conservadoras ligadas à família (Evangelista e Reis, 2021; Mello, 2023; Santos, 2021).

<sup>11</sup> Segundo Xavier (2020), o chamado “Gabinete do Ódio” não é uma denominação pejorativa criada pela oposição, e sim um termo que os próprios integrantes do governo Bolsonaro passaram a denominar uma facção liderada pelo filho do presidente. A função do gabinete foi a de produzir relatórios diários com interpretações sobre fatos da realidade política e econômica nacional e internacional, bem como a indicação de inimigos internos e externos ao governo a serem difamados e combatidos (p.3).

Guedes, um *Chicago Boy*<sup>12</sup>(Souza, 2022). Além disso, vale citar também Sérgio Moro como Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil, e o aglomerado de seguidores que ele também cooptou para a base de Bolsonaro, uma vez que este já era considerado um herói da direita em razão da Operação Lava Jato. Logo, os interesses destes grupos sociais eram amplamente defendidos dentro da Câmara, Senado e Presidência e Ministérios.

Tendo tudo isso em pauta, nos resta apenas pontuar a base de apoio mais subversiva, que são aquelas que buscam alterar a ordem vigente em prol de suas ideias. No caso brasileiro, essas ideias são endossadas por uma autoridade que incitava a agitação, uma autoridade que foi vista como única detentora de verdade e um caminho contrário à camada velha política. Esses subversivos aludem à ditadura militar com saudosismo, optam por diversas vezes pelo fim da democracia para a preservação de costumes. Ao mesmo tempo que são conservadores, apresentam uma característica reacionária. E assim, passou a se caracterizar a base bruta, subversivos, religiosos, favoráveis a políticas neoliberais, membros do setor agrário e aqueles que também foram cooptados pela igreja e pelos discursos maniqueístas. Criando assim, um grupo, em boa medida, coeso, que conseguiu se organizar em diversas ocasiões em prol de seus propósitos políticos.

Como supracitado, o movimento bolsonarista se deu através de um aglutinado de interesses conservadores, em que se destacava uma suposta luta contra o avanço comunismo representado pela esquerda brasileira. Nesse sentido, uma estratégia de Bolsonaro para sustentar sua base de apoio foi a radicalização de seu discurso, com ataques diretos aos grupos contrários à direita, em boa medida, se consolidando na ala ultradireitista brasileira e mundial. Nesse sentido, o conceito da pós-verdade fundamenta a base discursiva do movimento bolsonarista, e em larga medida, por muito tempo suplantou todo e qualquer argumento contrário que viesse a ocorrer contrário a ele.

Em entrevista ao jornal El País, a antropóloga Isabela Kalil<sup>13</sup> defende que a base bolsonarista buscou uma maior radicalização do candidato da direita, enquanto presidente da República. Esses apoiadores mais radicais atuam de modo a promover ataques a figuras públicas opositoras ao presidente e suas ideologias, sejam por meio de ataques cibernéticos

---

<sup>12</sup> Os chamados Chicago Boys foram um conjunto de cerca de 25 economistas jovens do Chile que foram encarregados de desenhar a política econômica para a ditadura do general Augusto Pinochet. Eles foram os precursores do pensamento neoliberal, adiantando-se quase uma década na implementação de medidas que só mais tarde seriam adotadas por Margaret Thatcher no Reino Unido (Dynewicz, 2021).

<sup>13</sup> Isabela Kalil é antropóloga e cientista política, coordenadora do Observatório da Extrema Direita e do curso de Sociologia e Política da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Desde o ano de 2016 estuda o movimento da extrema direita brasileira (G1, 2023; Pires, 2019).

ou até mesmo, ataques reais, de forma que esse conseguem aglutinar dentro de um bloco, todos os contrários a Bolsonaro (Kalil, 2019).

Com um discurso que incita o medo e o ódio, aglutinou diversos interesses de um determinado público e conseguiu cooptar o apoio de outros. Nessa linha, a antropóloga identifica que a maior parte do eleitorado de Bolsonaro se encaixa no perfil pragmático, isto é, parte de seus apoiadores que o escolheu com base em suas propostas e políticas pragmáticas, em vez de afinidades ideológicas estritas. No sentido de que vieram daquele aglutinado de assíduos apoiadores da Operação Lava Jato, e que tem por agenda a defesa da segurança pública, uma agenda pró-mercado e o combate à corrupção.

O movimento bolsonarista, dentro do arcabouço de movimentos de extrema direita emergentes no mundo conseguiu rememorar debates que pareciam superados a anos, e nesse contexto, a antropóloga Kalil (2019) ressalta o oportunismo dos grupos de direita. A cientista aponta que, uma vez que esse grupo entendeu que o modelo racionalista<sup>14</sup> atraiu mais visibilidade, este passou a ser extremamente disseminado, principalmente pelas mídias sociais. Um discurso quanto mais perverso e vil, mais atinge as massas e essa se tornou a base de visibilidade da direita brasileiro através do bolsonarismo (Kalil, 2019 *apud* Pires, 2019).

Nesse contexto, o discurso mais extremista do representante se dá de forma a blindar de possíveis concorrentes ao protagonismo da direita, de tal forma que se mantém mobilizada sua base de apoio (Pires, 2019). Para Kalil (2019), a radicalização, em larga medida, sustentou o movimento bolsonarista no Brasil, o que também resultou em atos golpistas realizados por esse grupo, em que pese ressaltar o oitavo (8) de janeiro de 2023. De certa forma, um ato semelhante à invasão do Capitólio já era esperado por analistas políticos, uma vez que o movimento bolsonarista brasileiro encontra muita identificação no *trumpismo* norte-americano. Contudo, o atentado ao Congresso tomou graves proporções, em que se destacou o apoio da polícia local aos atos.

Durante todos os seus quatro anos de mandato, Bolsonaro sempre aludiu atos golpistas aos seus apoiadores, além de disseminar desinformação – em que se destacava durante a pandemia – bem como se referia a necessidade de realizar ataques à esquerda. Por

---

<sup>14</sup> O modelo racionalista é uma abordagem que se baseia na racionalidade e na tomada de decisões informadas, vale ressaltar que este é um modelo, e como uma simplificação teórica da realidade, muitas vezes não reflete completamente as complexidades do comportamento humano e dos sistemas econômicos e políticos do mundo real. Dentro da perspectiva do governo Bolsonaro, se verifica esse modelo quando na mesma medida que o governo enfatizava políticas econômicas que visam a austeridade fiscal e reformas pró-mercado, argumentando que essas medidas são fundamentadas em princípios econômicos racionais, este também passa por um estilo de liderança populista. Ou seja, uma retórica polarizadora e abordagens que se afastam do consenso em questões como o meio ambiente, direitos humanos e relações internacionais (Kalil, 2019).

consequência, seus apoiadores logo após sua derrota nas urnas – que também foi desacreditada por sua base aliada – fecham as rodovias em todo país, acompanharam em frente aos quartéis, pediram recontagem de votos e surgiram por uma intervenção militar. De forma que no dia oito (8) de janeiro de 2023, ocorre o mais graves dos atentados contra o estado democrático de direito (G1, 2023).

### 3.3. Pós verdade e o movimento bolsonarista

Destarte, frente às informações levantadas pode se verificar a relação existente entre a teoria da pós-verdade e o movimento bolsonarista no Brasil, e como essa teoria nos clareia a visão para uma análise mais assertiva desse movimento e como a prática da pós-verdade atua de maneira incisiva dentro desse movimento político. É possível identificar as principais características do movimento bolsonarista que corroboram para disseminação de notícias falsas. Como foi ressaltado nesse trabalho, o fenômeno da pós-verdade se pauta na ação de buscar a verdade a partir de uma informação, e não de fatos previamente comprovados. E nunca foi visto, com tamanha força de disseminação e ação, tantas fake news de cunho político serem veiculadas antes no Brasil, como foi feito nos últimos anos, tendo a base bolsonarista como principal propulsora de veiculação.

Outrossim, temos Bolsonaro, como o principal motor de fake news, logicamente apoiado por uma *staff* que corroborava com todas as informações disseminadas por Bolsonaro. Desde afirmar que existe uma chamada “ideologia de gênero” sendo propagada nas escolas ou também afirmar que banheiros unissex<sup>15</sup> seriam uma obrigatoriedade em finalidade era clara: a construção de um inimigo, um medo constante que legitimasse a existência de uma direita reacionária e combatente. Como versado por Kalil (2018):

A partir da mobilização destes medos, pânticos e repulsa, nossa chave de leitura se dá a partir de dois elementos estruturantes que, embora com variações, se organizam em torno da combinação da acusação de “comunismo” e da “ideologia de gênero”. No caso do comunismo, na prática, tem sido alvo de acusações tanto posições de esquerda, centro e de centro direita para expressar um temor sentido frente a uma ideia de “esquerda”, associada à pobreza, ao autoritarismo, à corrupção, ao “bolivarianismo”, ao petismo, etc. Da mesma forma, a “ideologia de gênero” tem sido mobilizada para expressar um amplo espectro de acusações que vão desde pedofilia, transfobia, até críticas ao ensino de sexualidade nas escolas

<sup>15</sup> A teoria acerca dos banheiros unissex também foram uma das informações associadas a esquerda e amplamente disseminadas no último ano das eleições. Houve a necessidade que uma nota governamental fosse emitida com a finalidade de desmentir a falsa informação, entretanto, com várias outras esta também já havia sido amplamente disseminada dentro e fora da bolha de apoio a Bolsonaro. Ver na íntegra: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/notas/governo-federal-nao-decretou-a-instalacao-de-banheiros-unissex-nas-escolas>.

(p.12).

Nesse sentido, os termos securitização da pauta de gênero e construção social do medo são conceitos relevantes a trazer para esse debate, frente ao discurso de gênero, segurança e políticas públicas aludidos pela base bolsonarista em seu discurso político. Ambos conceitos se referem a ideias e processos específicos na análise das relações de gênero e segurança. A securitização de gênero, como um conceito, se refere à forma como questões de gênero são enquadradas como questões de segurança em nível político e internacional (Pereira, 2020, p.54). Isto é, refere-se ao processo de transformar questões relacionadas ao gênero em questões de segurança nacional ou internacional. Segundo Paternotte e Kuhar (2018) o gênero é muitas vezes usado como uma ferramenta para justificar certas intervenções políticas, militares ou de segurança. Além disso, os autores argumentam que essa securitização pode simplificar questões complexas de gênero, reduzindo-as a ameaças de segurança, e, dessa forma, ignorar ou distorcer as verdadeiras necessidades das pessoas envolvidas (p.515).

Nesta mesma linha, a construção social do medo refere-se ao processo de formar e promover o medo e a insegurança em uma sociedade. Isso envolve a criação de narrativas e discursos que destacam ameaças percebidas, reais ou imaginárias, com o objetivo de moldar as percepções públicas e promover determinadas políticas ou ações (Pereira, 2020, p.54). No debate do medo, Ahmed (2014) explora como o medo pode ser usado como uma ferramenta de controle social e como ele é frequentemente mobilizado para manter certas hierarquias de poder. A autora argumenta que o medo não é apenas uma emoção individual, mas também uma construção social e política que molda nossas interações, discursos e estruturas de poder. Neste sentido, o medo pode ser usado para reforçar estereótipos, promover a exclusão de grupos marginalizados e manter a conformidade social (p.43).

Esses conceitos são frequentemente utilizados em discussões sobre políticas de gênero, segurança e a relação entre construções sociais, percepções e práticas políticas. Eles são importantes para a compreensão de como as questões de gênero são incorporadas nas agendas de segurança e como as narrativas de medo são usadas na formulação de políticas. Todos esses aspectos estiveram na base do discurso bolsonarista, fazendo com que esse gerasse uma cola social com a extrema direita, que garantisse uma adesão de outros grupos conservadores, bem como fundamentasse a formulação de falsas notícias.

Com base nisto, foi possível observar a formulação de um discurso perverso, que causa medo e pânico, que incita atos agressivos. Falas do ex-presidente desse cunho foram

feitas diversas vezes, como em uma ocasião em um discurso político pró-eleição no estado do Acre, em 2018, Bolsonaro afirma: “Vamo fuzilar a petralhada aqui do Acre!”, fazendo alusão a assassinar petistas, membros e/ou apoiadores do Partido dos Trabalhadores. Ainda, no ano de eleição presidencial, ao se referir a um ato político pró-Lula, seu adversário direto, Bolsonaro afirmou: “Um tiro só ou uma granadinha mata todo mundo” (Struck, 2022).

Em larga medida, toda essa ansiedade apresentada na sociedade brasileira em relação à política nos últimos anos é respaldada por um medo implantado por meio de discursos realizados e amplamente veiculados durante mais de quatro anos. Toda essa violência instigada por discursos de ódio, incita que a sociedade se arme e esteja sempre preparada para ataques nasce de um discurso militarista implementado por parte majoritária do governo vigente. O que pode ser observado é que essa movimentação política, assentada em discursos de ódio e num maniqueísmo, causou uma enorme polarização, e por fim ruptura social.

Não obstante aos fatos colocados, é necessário realizar uma breve reflexão acerca dos riscos da difusão de notícias falsas para a democracia. A democracia em si não é constante, é transitória, e a democracia brasileira é incipiente. A história política brasileira é repleta de golpes e apresenta um histórico democrático extremamente deturpado. Em razão disso, a emergência de um movimento desse estirpe não é algo a se assustar. O próprio conceito da democracia, no contexto brasileiro nos últimos anos ficou aquém da realidade, uma vez que até aqueles que atacavam diretamente os princípios democráticos básicos, afirmavam o fazer em nome da democracia (Boito Jr., 2021).

Dentro do arcabouço da pós-verdade, vê-se que o movimento bolsonarista tentou corroer as bases democráticas por dentro da própria democracia. Foi uma ação inédita na história do Brasil, um presidente eleito democraticamente, tentar acabar com a democracia com um discurso pró-democrático; sendo, o ato do dia 8 de janeiro, apenas a expressão concreta de todo o discurso que foi criado durante quatro (4) anos (Starling, 2023). Como pode ser observada, as bases da política de Bolsonaro foram lançadas mesmo antes de sua posse, temas como pátria e família, já faziam parte do vocabulário do candidato durante todo o ano de 2018, ano de campanha eleitoral. Formalmente, essas ideias foram lançadas durante o discurso de posse<sup>16</sup> do 38º Presidente da República.

---

<sup>16</sup> Conferir: Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional — Biblioteca ([presidencia.gov.br](http://presidencia.gov.br))

Nesse discurso, houve uma ênfase maior na luta contra a esquerda e ao comunismo por meio da expressão “nossa bandeira nunca será vermelha”, aludindo a cor aos partidos de esquerda. Nessa linha já se destaca o maniqueísmo, presente tanto durante sua campanha quanto durante sua gestão. Não obstante, mesmo que em seu discurso afirme procurar livrar o Brasil das “amarras ideológicas”, ressalta o objetivo de valorizar a religião cristã, se fixando a temas conservadores, como a defesa dos valores morais da sociedade e da família tradicional (entende-se como sinônimo de família universal).

Complementar a isso, o discurso presidencial teve como papel apenas aglutinar esses fenômenos em um único movimento, em que se destaque o forte antipetismo. O movimento antipetista foi deflagrado pela Operação Lava Jato com apoio da Polícia Federal e do até então Ministro da Justiça, Sérgio Moro. A operação analisou os casos de corrupção no governo do Partido dos Trabalhadores (PT), dando assim, uma maior visibilidade à pauta de combate à corrupção. De certa forma, a operação desencadeou uma enorme desconfiança e descrença política, que conduziu para o protagonismo da cena política grupos como as forças de segurança e o conservadorismo religioso, que também se identificavam com pautas anti progressistas, dado a pautas de natureza moral (Almeida, 2019 *apud* Silva; Lima, 2021, p.352). De forma sintética, houve uma invasão das linhas de valores conservadores que passaram a cobrir as linhas sociais não mais abrigadas pelo Estado.

As forças de segurança supracitadas por Almeida (2019) incluem também as forças armadas, que passaram a ter um maior protagonismo político, não visto desde o fim do regime militar. Na agenda da segurança se destacou o aumento da criminalidade, a necessidade de armar o “cidadão de bem”, tecendo em grande medida, uma releitura de ocorrências da intervenção militar de 1964, logo, aclamando também o combate a ideologia comunista (Pimentel, 2007 *apud* Silva; Lima, 2021).

A chamada “ideologia comunista” passou a ser associada tanto as pautas progressistas defendidas pelo governo anterior (Partido dos Trabalhadores), de tal modo, as pautas feministas abortistas e LGBT's foram destacadas como as maiores ameaças a família tradicional, uma vez que as agendas traziam à luz discussões sobre gênero e autonomia corporal (Silva; Lima, 2021, p.353). Além de identificar os “inimigos da pátria, da ordem e da liberdade”, dentro de seu discurso, reafirmando o maniqueísmo e a luta do bem contra o mal, este também ressalta a defesa do “cidadão de bem” dentro da sociedade civil, e finaliza com seu famoso bordão “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”.

É relevante citar que, existem vários pontos no discurso que respaldam as fake news disseminadas durante a campanha de Bolsonaro antes de sua eleição e que, em larga medida, auxiliaram na vitória de Bolsonaro e passou a ser a base de sua governança, tendo como foco principal, a luta contra o comunismo. De acordo com Barragán (2018) existem diversos casos que exemplificam a forma que as fake news, em ampla medida, colocaram o candidato do PSL (à época) à frente das pesquisas. Ao passo que, o candidato teve à sua disposição um maquinário de disseminação de falsas notícias, que sustentavam sua propaganda eleitoral, bem como atacavam seu adversário, Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT) vinculado ao seu inimigo declarado, o ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva.

Em que pese, Bolsonaro durante sua campanha abusou da associação não apenas de seu opositor mas também do Partido dos Trabalhadores a perversidade moral, podendo citar: sexualização das crianças, abuso infantil, incestuosidade, ideologia comunista dentre varios outros temas que inflige a moral social. Na mesma ordem, em seus discursos eleitorais voltados a sua base de apoio eram destacados que apenas o interesses da “maioria” da sociedade deveria ser atendido, as minorias, em contrapartida, deveriam se adequar ou simplesmente desaparecer (Barragán, 2018). Como Boito (2021) defende, o contexto histórico e político de uma nação, ditam a emergência de governos fascistas, e como ele afirma, o governo de Bolsonaro era, sim, um governo de cunho fascista. As consequências iniciais do medo implantado por falsas notícias já começaram a ser vistas após a derrota de Jair Bolsonaro nas urnas, e isto representa uma rachadura em nossa democracia.

## CONCLUSÃO

Dado o exposto, é possível observar que o estudo do movimento bolsonarista sobre a ótica da pós-verdade se faz relevante, uma vez que explica efeito como as fake news dentro da perspectiva da pós-verdade foram utilizadas como arma política no Brasil dando origem a uma articulação política nunca antes vista. A partir de um grupo, que se mobilizou em prol de uma ideologia, uma narrativa foi gerada e largamente veiculada. Discursos que incentivaram o medo e o ódio a diversos grupos se tornaram a base de um governo e passaram a ganhar respaldo da população. Em verdade, passa a se observar nessa sociedade uma fragmentação da esfera pública perante a existência da pós-verdade. Isto é, a pós-verdade, dentro desse movimento mais se assemelha a um dogma.

Como já ressaltado, houve a criação de narrativas com base em fatos infundados, o que em diversas vezes, ocasionou na descredibilização do sistema vigente, colocando em risco as bases democráticas brasileiras. O movimento bolsonarista, que muito fez uso dessas falsas narrativas para se fortalecer, ultrapassou os limites das meias verdades, isto por diversos meios, como a banalização das pautas. Isto é, o que antes eram pautas de costumes e valores, pautas mais conservadoras e contra a corrupção, se tornam através das falsas notícias e construções deturpadas de narrativas, tais como a implementação de uma ditadura gay, caso o Partido dos Trabalhadores (PT) angariasse novamente o poder ou que a população seria obrigada a comer cachorros.

A crença em notícias tão absurdas apenas expressam como a desinformação geral e coletiva se fez presente nos últimos anos, sendo um claro exemplo do impacto dessas falsas notícias de forma registrada, por vídeos, são as falsas notícias da deposição de Alexandre de Moraes e a confirmação da suposta fraude das eleições. Mas é válido ressaltar que essas informações que embasam esse discurso foram endossadas durante quatro (4) anos, por meio de pronunciamentos oficiais, lives, postagens em redes sociais e atos políticos.

A massa mobilizada em prol dessas ideias inundaram as ruas de várias cidades por diversas ocasiões, se organizavam em atos políticos pró-governo e realizavam ações conjuntas nas redes sociais nunca antes vistas. Dentro do arcabouço da era da pós-verdade, a disseminação de desinformação em massa representou o alicerce do bolsonarismo, expondo uma mobilização que nenhum outro grupo político conseguiu ou conseguirá replicar. Como já muito falado pelas mídias, os bolsonaristas nas redes sociais agiam quase como robôs, replicadores de desinformação, de discurso de ódio, e nas ruas se aglutinaram, faziam movimentos grandiosos.

Em tese, o que se pode notar, foi a preferência por findar a democracia por acreditar numa série de notícias infundadas. Dado esses fatos, é difícil não ficar pessimista acerca do andar da política nacional, muito mesmo esperar que os atos que ferem a democracia se findem apenas com a não eleição de Bolsonaro. O bolsonarismo, enquanto movimento foi único na história política brasileira, a forma de organização em prol de pautas, seja nas ruas, redes sociais, ou em igrejas, garantiu em larga medida, a adesão de grande parte da sociedade, não o suficiente para fazer com que o candidato galgasse pela segunda vez a Presidência da República, mas uma parte considerável capaz de realizar uma paralisação nacional, fechar rodovias e perpetrar um ataque as três poderes.

Nota-se que o conceito pós-verdade pode explicar o passado recente da história política brasileira, mas além disso, expõe também uma tendência mundial, que beneficia, em larga medida, a ascensão de governos da extrema-direita. A ocorrência de um governo de extrema direita no Brasil, caminhou junto à emergência de governos semelhantes nos Estados Unidos, com Donald Trump, e no Reino Unido, com o agora ex-Primeiro Ministro, Boris Johnson. Não se pode negar também, a influência que este governo teve na América Latina, atualmente, vemos ganhar força nas eleições Argentinas o candidato Javier Milei, um economista ultraliberal, que coincidentemente ou não replica as mesmas pautas e discursos que Bolsonaro apresentou em sua campanha presidencial do ano de 2018.

No que tange às limitações da pesquisa, estas se deram pelo fato da pesquisa se pautar em recentes acontecimentos, sendo, que muitos ainda estão em processo de estudo e ou comprovação, o que faz com que muitas vezes algumas informações acabam se tornando apenas especulações. Entretanto, um fato é que o movimento bolsonarista não se finda com a derrota do Bolsonaro nas urnas, sua base permanece firme e maciça. Vários dos membros de seu *staff* eleitoral foram eleitos para o Senado e para a Câmara Nacional, não apenas fazendo oposição ao novo governo, mas sempre rememorando a imagem imaculada do antigo presidente. Não obstante a isso, mesmo com a derrota e com os acontecimentos do 8 de janeiro, sua base de apoio não foi desbaratinada ao contrário, o movimento tão radical quando o acontecido em 8 de janeiro, apenas expressa que o bolsonarismo está longe de ter um fim, e agora, não depende unicamente da figura de Jair Bolsonaro.

O tema, por ser atual, ainda passa por inúmeras reviravoltas, em meio a duas Comissões de Inquérito Parlamentar (CPI's) que investigam possíveis casos de corrupção no governo Bolsonaro, além, também, da recente aprovação de inexistência de Jair Bolsonaro. O ex-presidente foi acusado de abuso de poder político e uso indevido dos

meios de comunicação, isso, após a reunião realizada com embaixadores na qual, Bolsonaro atacou o sistema eleitoral brasileiro, sem nenhuma apresentação de prova concreta, colocando em dúvida o resultado das eleições presidenciais de 2022 (Vivas; Falcão, 2023).

Todos esses fatos, de maneira geral, não indicam o fim do bolsonarismo, ou a vitória da esquerda sobre a extrema direita. Mesmo sem Bolsonaro no poder, o bolsonarismo vive, suas ideias estão mais enraizadas na sociedade brasileira do que nunca. Isso se dá em parte pela grande articulação que a direita apresentou nesses últimos anos, principalmente, pelas redes sociais, coisa que a esquerda política não sabe replicar. Um dos problemas citados por Reis (2020) é a incapacidade de luta e articulação dos partidos tradicionais, em que pese citar o Partido dos Trabalhadores (PT).

Ainda, aponto a necessidade de um estudo futuro mais aprofundado não apenas no movimento bolsonarista com um olhar mais antropológico, mas também, num estudo mais aprofundado do que foi o de 8 de janeiro. Ato que vai marcar para sempre a história política brasileira. Por meio desse estudo, será possível entender com mais clareza quais serão as consequências a longo prazo para a democracia brasileira.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA LUPA. Lupa: Bolsonaroistas usam afirmações falsas para colocar em dúvida resultado das eleições. **Folha de São Paulo**, 10 nov. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/lupa-bolsonaristas-usam-afirmacoes-falsas-para-colocar-em-duvida-resultado-das-eleicoes.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. 2 ed. EDINBURGH : University Press , 2014. Disponível em: <https://pratiquesdhospitalite.com/wp-content/uploads/2019/03/245435211-sara-ahmed-the-cultural-politics-of-emotion.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2023.

ALMEIDA, Rafael Antunes. “VERDADES AFILIATIVAS”: Ignas Kalpokas e a sua teoria da pós-verdade. **Revista Scielo Brasil**, Ci. Soc. 36 (106) , 12 mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3610616/2021>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet & Sociedade**. n. 1, v. 1, p. 144-171, jan. 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2023.

AROMEEVA, Elena; LIEBROER, Mirjam; LILLEKER, Darren. POST-TRUTH: ITS MEANING AND IMPLICATIONS FOR DEMOCRACY. *In: Political Studies Association. PSA*. [S.l.]. 17 jul. 2017. Disponível em: <https://www.psa.ac.uk/psa/news/post-truth-its-meaning-and-implications-democracy>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BARBA, Mariana Della; WENTZEL, Marina. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação: Da BBC Brasil em São Paulo e da Basileia (Suíça). **BBC NEWS BRASIL** , 16 abr. 2016. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415\\_bolsonaro\\_ongs\\_oab\\_mdb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb). Acesso em: 24 out. 2023.

BARRAGÁN, ALMUDENA. Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. **El País** , 19 out. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547\\_146583.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html). Acesso em: 20 jan. 2023.

BECKER, Howard S. 2008 [1963]. *Outsiders*. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/becker-howard-s-outsiders-estudos-de-sociologia-do-desvio.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BISPO, Fábio Santos; SCARAMUSSA, Melissa Festa; SILVA, Beatriz Oliveira Da. Bolsonaroismo e a psicologia das massas 100 anos depois. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Ano XIV, no.spe. p. 113-126. 13 dev. 2022 DOI: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2022vNSPEAp.113>. Disponível em: <https://ojs.uva.br/index.php/trivium/article/view/283/234>. Acesso em: 6 nov. 2023.

BOITO JR., Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. Caderno CRH, vol. 34, 2021.

BOLSONARO, Jair. Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional. **Governo Brasil**, 19 jan. 2019. Biblioteca Presidência da República, Disponível em:

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>. Acesso em: 20 jan. 2023.

COLETTA, RICARDO DELLA. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’. **El País**, 29 ago. 2018. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207\\_054097.html?rel=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html?rel=mas). Acesso em: 20 jan. 2023.

CORTELLA, Mário Sérgio. O QUE é pós-verdade? Youtube, 2020. 1 vídeo (11:32).

Publicado pelo Canal do Cortella. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=SrewDDw\\_M\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=SrewDDw_M_Q). Acesso em: 20 jan. 2023.

DESINFORMAÇÃO e fake news são entraves no combate à pandemia, aponta debate.

**Agência Senado**, 5 jul. 2021. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/desinformacao-e-fake-news-sao-entreve-no-combate-a-pandemia-aponta-debate>. Acesso em: 8 nov. 2023.

DYNIEWICZ, Luciana. Estadão. **Quem são Chicago Boys**, 15 jan. 2021. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/economia/quem-sao-os-chicago-boys/>. Acesso em: 25 out. 2023.

EVANGELISTA, Ana Carolina; REIS, Lívia. Neoconservadorismo, família, moral e religião nos primeiros anos do governo Bolsonaro. **Heinrich Böll Stiftung**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2021. Disponível em:

<https://br.boell.org/pt-br/2021/04/10/neoconservadorismo-familia-moral-e-religiao-nos-prim-eiros-anos-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 8 set. 2023.

FALCÃO, Márcio; VIVAS, Fernanda. Moraes mantém prisão de Mauro Cid, que terá de prestar novo depoimento à Polícia Federal nesta sexta. **G1**, Brasília, 29 jun. 2023. TV Globo, Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/06/29/moraes-mantem-prisao-de-mauro-cid-que-ter-a-de-prestar-novo-depoimento-a-policia-federal.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2023.

FREITAS, Rosiane Correia de. O que é ideologia de gênero?. **Plural**, 15 set. 2022.

Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/poder/o-que-e-ideologia-de-genero/>. Acesso em: 26 out. 2023.

GARCES, S. B. B. **Classificação e Tipos de Pesquisas**. Universidade de Cruz Alta – Unicruz, Abril de 2010.

GENESINI, Silvio. (2018). A pós-verdade é uma notícia falsa. Revista USP, (116), 45-58.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i116p45-58>. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146577/140223>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GRUPOS de extrema direita já se mobilizam de forma independente de Bolsonaro e tendem a ficar mais violentos, diz antropóloga. **G1**, 10 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/01/10/grupos-de-extrema-direita-ja-se-mobilizam-de-forma-independente-de-bolsonaro-e-tendem-a-ficar-mais-violentos-diz-antropolo ga.shtml>. Acesso em: 22 jan. 2023.

HARDOŠ, Pavol. Lee McIntyre: Post-Truth: BOOK REVIEW . **Organon F 26 (2) 2019: 311–316**, Cambridge, MA: MIT Press 2018, 240 pages, 1 mai. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31577/orgf.2019.26210>. Acesso em: 8 nov. 2023.

ITAGIBA, Gabriel. 2017. Fake News e Internet: esquemas, bots e disputa pela atenção FITS Rio – Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. Disponível em [https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/04/v2\\_fake-news-e-internet-bots.pdf](https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/04/v2_fake-news-e-internet-bots.pdf). Acesso em: 10 nov. 2023.

KALIL, Isabela Oliveira. QUEM SÃO E NO QUE ACREDITAM OS ELEITORES DE JAIR BOLSONARO. **FESPSP - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo**, São Paulo , 1 out. 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

KALPOKAS, Ignas. 2019. **A Political Theory of Post-truth**. London and New York: Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-97713-3> DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-97713-3>

KAKUTANI, Michiko. The Death of Truth: Notes on Falsehood in the Age of Trump. Nova York: Tim Duggan Books, 2018. Disponível em: <https://ms.player.fm/series/shirley-wood/epub-read-the-death-of-truth-notes-on-falsehood-in-the-age-of-trump-by-michiko-kakutani>. Acesso em: 10 nov. 2023.

LIMA, RAYMUNDO DE. O Maniqueísmo: o Bem, o Mal e seus efeitos ontem e hoje. **Revista Espaço Acadêmico**. ISSN 15196186, ano 1, n. 7, 1 dez. 2001. Mensal. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/40166/20970/>. Acesso em: 25 out. 2023.

MANS, Matheus. A Era da Pós Verdade . **Revista.BR**, ., ed. 14, ano 9, p. 1-68, 6 jun. 2018. Disponível em: <https://www.nic.br/media/docs/publicacoes/3/revista-br-ano-09-2018-edicao14.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

MELLO, Bernardo. Boi, Bala e Bíblia: governo enfrenta resistência entre líderes evangélicos, ruralistas e policiais na Câmara. **O Globo** , 7 mai. 2023. Política , Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/05/boi-bala-e-biblia-governo-enfrenta-resistencia-entre-lideres-evangelicos-ruralistas-e-policiais-na-camara.shtml>. Acesso em: 8 nov. 2023.

MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. DESINFORMAÇÃO, VERDADE E PÓS-VERDADE: reflexões epistemológicas e contribuições de Piaget. **Logeion** , Filosofia da Informação. 2021. DOI:

<https://doi.org/10.21728/logeion.2021v7n2.p108-127> Disponível em:  
<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5480/5234>. Acesso em: 8 nov. 2023.

MOURA, Milka. Inquéritos da PF desmentem boato sobre atuação de partidos no atentado a Bolsonaro. **Estadão**, 21 set. 2023. Disponível em:  
<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/adelio-confessou-participacao-pt-psol-mdb-faca-da-falso/>. Acesso em: 30 out. 2023.

NASCIMENTO, Luciano. Acampamento bolsonarista foi central em ataques do dia 8 de janeiro. **Agência Brasil**, 27 jan. 2023. Disponível em:  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-01/acampamento-bolsonarista-foi-central-em-ataques-do-dia-8-de-janeiro>. Acesso em: 10 nov. 2023.

NYHAN, B., & REIFLER, J. (2010). When Corrections Fail: The Persistence of Political Misperceptions. *Political Behavior*, 32(2), 303-330. Disponível em:  
<http://dx.doi.org/10.1007/s11109-010-9112-2>. Acesso em: 8 nov. 2023.

PATERNOTTE, David; KUHAR, Roman. "Ideologia de gênero" em movimento. **Rev. psicol. polít. vol.18 no.43 São Paulo set./dez. 2018**. Disponível em:  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n43/v18n43a05.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

PENNYCOOK, G., & RAND, D. G. (2019). The Implied Truth Effect: Attaching Warnings to a Subset of Fake News Stories Increases Perceived Accuracy of Stories Without Warnings. *Management Science*, 66(11), 4944-4957. Disponível em:  
<https://pubsonline.informs.org/doi/pdf/10.1287/mnsc.2019.3478>. Acesso em: 8 nov. 2023.

PEREIRA, Mariana Riquito. **Emancipação como Ameaça: Representação dos Movimentos Feministas e Climáticos nos Discursos da Ultradireita Contemporânea: Análise dos Discursos do Presidente da República Federativa do Brasil em 2019**. Orientador: Professora Doutora Sofia José Santos. 2020. 125 f. Tese (Doutorado) - Curso de Dissertação no âmbito do Mestrado em Relações Internacionais, Estudos da Paz, Segurança e Desenvolvimento, Universidade de Coimbra, 2020. Acesso em: 10 nov. 2023.

PETRARCA, Fernanda Rios. Uma Janela no Tempo: a ascensão do Bolsonarismo no Brasil. **Revista Tomo**. 38(1): 339, Jan/Jun. 2021. Disponível em:  
<http://dx.doi.org/10.21669/tomo.vi38.14356>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PIRES, BREILLER. A radicalização sustenta o protagonismo de Bolsonaro na direita. **El País**, 26 ago. 2019. Disponível em:  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/25/politica/1569363708\\_151865.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/25/politica/1569363708_151865.html). Acesso em: 22 jan. 2023.

PRANDI, R. Os 12% do presidente: em que lugar da sociedade habita o bolsonarista convicto? *Jornal da USP*, São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em: [jornal.usp.br/?p=272283](http://jornal.usp.br/?p=272283). Acesso em: 07 nov. 2023.

QUAL É A FORÇA DA DEMOCRACIA BRASILEIRA?. [Locução de]: Gustavo Simon, Gabriela Mayer. Entrevistada: **Heloísa Starling** (Historiadora, cientista política e professora da Universidade Federal de Minas Gerais).. [S.l.]: Café da Manhã, 11 set. 2023. *Podcast*.

Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/1M3aq8wd5q1Zv8jPE5NxuV?si=4XHIFbAhQpCaWa6H6E2aw&nd=1>. Acesso em: 13 set. 2023.

SANTOS, Alliston Fellipe Nascimento dos. Entre o sagrado e o profano: quem é o escolhido de Deus? A participação da direita religiosa na trajetória das eleições presidenciais nos anos de 1989, 2018 e 2022. **Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe - RI/UFS** : EVENTOS - UFS Seminário Nacional de Sociologia da UFS Anais do IV Seminário Nacional de Sociologia da UFS , Universidade Federal de Sergipe, p. 1-29, out. 2022 Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17006>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SANTOS, Matheus Rodrigues dos. "**Brasil acima de tudo, Deus acima de todos**": uma análise dos usos do nacionalismo e patriotismo na candidatura presidencial de Jair Bolsonaro em 2018. Orientador: Prof. Dr. Amurabi Pereira de Oliveira. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231224>. Acesso em: 8 nov. 2023.

SEIXAS, Rodrigo. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções . **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, 18 nov. 2018. Disponível em: [dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2197](https://dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2197).

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A PÓS-VERDADE COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO. **SciELO Brasil** , Editorial Ling. (dis)curso 20 (02) Maio-Aug 2020, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>.

SILVA, José da; LIMA, José Edson Ferreira. ANÁLISE DO DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO. **Revista Humanidades e Inovação**. v. 8 n. 38 (2021): Discurso e Alteridade III, p. 350-362, 16 jul. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3443>. Acesso em: 21 jan. 2023.

SINGER, André. A reativação da direita no Brasil. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, v. 3, p. 705-729, dev. 2021 DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/1807-01912021273705>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/BHXTTx8b7Fk78jfDLRRmr8j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SOUZA, Renato. Bolsonaro e o neoliberalismo. **Brasil de Fato**, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/22/artigo-bolsonaro-e-o-neoliberalismo>. Acesso em: 24 out. 2023.

STRUCK, Jean-Philip. Violência política marca eleição de 2022. **DW**, 29 out. 2022. Made for minds , Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/viol%C3%Aancia-pol%C3%ADtica-marca-elei%C3%A7%C3%A3o-de-2022/a-63592495>. Acesso em: 25 out. 2023.

SUNSTEIN, Cass R.. Republic.com 2.0. **Princeton University Press**, The University of Chicago , 1 jan. 2007. Disponível em: <http://pi.lib.uchicago.edu/1001/cat/bib/6491932>. Acesso em: 10 nov. 2023.

TREIN, Aline; SOUZA, Lucas Silva de; NASCIMENTO, Valéria Ribas do. RESENHA CRÍTICA DO LIVRO “REPUBLIC.COM 2.0” , DE CASS SUNSTEIN: DAS “CÂMARAS DE ECO” À “COLA SOCIAL”. **REDESG / Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global** – [www.ufsm.br/redesg](http://www.ufsm.br/redesg) v. 1, n. 1, jan.jun/2012Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/REDESG/article/view/5936/pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

TRISOTTO, Fernanda. Citando dados errados, Bolsonaro critica IBGE e volta a colocar em dúvida estatísticas de desemprego. **O Globo** , 9 abr. 2021. Economia , Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/citando-dados-errados-bolsonaro-critica-ibge-v-o-lta-colocar-em-duvida-estatisticas-de-desemprego-24962630>. Acesso em: 25 out. 2023.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. Bolsonaro inelegível: entenda o que acontece com o ex-presidente após a condenação no TSE. **G1**, Brasília, 30 jun. 2023. TV Globo, Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/06/30/entenda-o-que-pode-acontecer-se-o-tse-con-si-derar-bolsonaro-inelegivel-nesta-sexta.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2023.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. *Science*. Vol. 359, nº. 6380, p. 1146-1151, 9 mar. 2018. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559>. Acesso em: 10 nov. 2023.

WÜNSCH, Marina Sanches; FERREIRA, Natasha Alves. O Impacto das Fake News na Democracia e o Papel da Cláusula Democrática. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia*, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 472–497, 2022. DOI: 10.14393/RFADIR-v49n2a2021-61276. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/61276>. Acesso em: 7 nov. 2023

XAVIER, Uribam. GABINETE DO ÓDIO – O GRANDE IRMÃO BOLSONARO: FARSA E TRÁGEDIA NO BRASIL. **Departamento de Ciências Sociais da UFC**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://cienciassociais.ufc.br/wp-content/uploads/2020/05/gabinete-do-odio.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2023.